

A imprensa sul-rio-grandense sob um prisma historiográfico:

a tradição dos arrolamentos

FRANCISCO DAS NEVES ALVES









A imprensa sul-riograndense sob um prisma historiográfico: a tradição dos arrolamentos





CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

A imprensa sul-riograndense sob um prisma historiográfico: a tradição dos arrolamentos





Lisboa / Rio Grande 2021

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord) Carla Oliveira Cécile Méadel Fabrice d'Almeida João Luís Cardoso José Ignacio Ruiz Rodríguez Valérie Dévillard Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.) Darlinda Moreira Jeffrey Scoot Childs Rosa Sequeira Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.) José Bernardino Milene Alves Paula Carreira Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo
Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: A imprensa sul-rio-grandense sob um prisma historiográfico: a tradição dos arrolamentos
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 41
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Fevereiro de 2021

ISBN - 978-65-89557-09-8

CAPA: Dois indivíduos apreciando a leitura de um jornal na concepção do caricato porto-alegrense *O Fígaro*, a. 1, n. 4, 27 out. 1878, p. 1.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.

À sua função principal, que consiste em restituir a vida dos jornais e especificar o papel que eles representaram na evolução das sociedades, a história da imprensa acrescenta uma espécie de função derivada: a de ajudar os historiadores a utilizar o testemunho dos jornais.

Albert & Terrou. História da imprensa.

SUMÁRIO

Imprensa sul-rio-grandense e historiografia13
Arrolamentos, notas, catálogos e estatísticas23

Imprensa sul-rio-grandense e historiografia

O impacto e o significado da imprensa junto às sociedades humanas têm sido de tal magnitude que aos historiadores não restou outro caminho a não ser o de incluir os jornais no rol das denominadas fontes históricas. Esse, no entanto, não foi um processo simples e imediato e, por muito tempo, as folhas impressas estiveram condenadas um a certo ostracismo historiográfico, diante de uma verdadeira má vontade preconceituosa, sob a argumentação de que, por constituir uma fonte tendenciosa, o jornal não teria condições de vir a ser elevado ao status de documento histórico. Tais preconceitos foram gradualmente sendo vencidos, até pela convicção de que toda fonte história é, por si, menos ou mais tendenciosa, além do que, se passou a acreditar que as próprias tendências expressas periódicos, frutos pelos de convicções e/ou conjunturais/circunstanciais conveniências também poderiam vir a constituir um objeto de estudo histórico.

Assim, progressivamente, os jornais passaram a espaço crescente como documentos um concernentes à pesquisa histórica. Entretanto, muitas vezes, trocou-se um pecado pelo outro, ou seja, do conceito pré-estabelecido que alijava a imprensa, passoucertos casos. utilizar-se se, em a a indiscriminadamente, como fonte sobre os mais variados contextos e acontecimentos históricos, sem ao menos tomar os devidos cuidados inerentes ao estudo desse tipo de documento. Todo jornal está afinado com sua conjuntura histórica, apresentando um dado norte editorial e algumas modalidades e estratégias que demarcam as suas construções discursivas, cabendo ao historiador ter um profundo conhecimento de todos esses condicionantes, o que nem sempre acabou sendo observado ou utilizado como pré-requisito ao estabelecer-se um mote de pesquisa.

Um dos elementos básicos que caracteriza essas falhas e/ou lacunas nos estudos que se utilizam do jornalismo como fonte está vinculado ao fato de que, em muitos casos, o pesquisador prende-se estritamente ao texto do jornal, utilizando as informações ali expressas como se as mesmas fossem o retrato fiel da realidade. Passam despercebidas - ou, por vezes, despreza-se deliberadamente - as condições de estruturação extra e intradiscursiva dos jornais, pelas quais eles recriam uma realidade. realocando. dada sintetizando metabolizando os fatos de acordo com as conveniências dos responsáveis pela sua edição. De tais procedimentos reconstrução histórica resulta distorcida uma comprometida em relação aos seus resultados.

Essas falhas quanto ao conhecimento histórico promovido a partir dos jornais estão intrinsecamente relacionadas com a distinção que se deve fazer entre uma história "da" imprensa e uma história "através" da imprensa. No primeiro caso, o historiador busca desvelar as identidades, os padrões editoriais e as construções discursivas de um ou de um conjunto de jornais; já no segundo, o pesquisador intenta estudar um determinado elemento constitutivo de uma dada sociedade, por meio das informações expressas nos periódicos. Em ambas são necessários os cuidados já

descritos, porém, para o estudioso que objetiva entabular uma história "da" imprensa, isso é possível por si só, no entanto, para aquele que pretende realizar uma história "através" da imprensa, torna-se inevitável, ao menos de modo introdutório, estudar ou promover também uma história "do" jornal ou série de jornais com que pretende trabalhar, pois, só assim, terá as plenas condições de apreender o que está escrito nas linhas e nas entrelinhas dessa mesma folha ou coleção de folhas.

Trata-se, portanto, de um caminho de duas vias, ou seja, os pesquisadores que pretendem trabalhar com a imprensa devem levar em consideração a história, ao passo que, aos historiadores cumpre levar em conta seriamente a comunicação¹. Desse constante processo de interação e colaboração mútua deriva a relevância de uma história "da" imprensa, cujo papel principal consiste em restituir a vida dos jornais e especificar o papel que eles representaram na evolução das sociedades, de modo que essa história vem a acrescentar uma espécie de função derivada que é a de ajudar os historiadores a utilizar o testemunho dos periódicos².

Nesse sentido, a articulação e a inter-relação entre a utilização da imprensa como fonte e/ou como objeto de trabalho – diferença por vezes sutil, mas fundamental – constitui um elemento crucial para o êxito dos empreendimentos científicos. Um obstáculo para esse termo satisfatório está no fato de que nem sempre é possível encontrar-se uma "história da imprensa" de um

-

¹ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 14.

² ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 2.

país, região ou cidade, sistematizada e reunida em um manancial único de informações, tratando-se, na maioria das vezes, de trabalhos esparsos e dados fragmentários entre si, fazendo com que o próprio historiador venha a ter que promover uma determinada reconstrução histórica que lhe permita o pleno conhecimento do documento a ser trabalhado. Nesse sentido, muito há ainda a ser feito em termos de edificação de uma história da imprensa, seja no âmbito internacional, nacional ou regional, como é o caso da mais meridional unidade brasileira, onde, mesmo havendo muito ainda a construir, vários passos já foram dados, de modo que se pode até referenciar um conjunto historiográfico quanto à história da imprensa gaúcha.

A partir do final do século XIX, os estudos de caráter histórico a respeito da imprensa no Rio Grande do Sul passaram a ser mais frequentes, levando ao reconhecimento do valor dos jornais como fonte histórica e à incorporação da história da imprensa como mais um dos elementos constitutivos da produção historiográfica sul-rio-grandense. Desse modo, imprensa passou a ser historiada através de pequenos artigos, ensaios ou trabalhos monográficos publicados em anuários, almanaques ou nos próprios jornais, bem como em anais de congressos e simpósios e em edições comemorativas de certas datas, ou elucidativas a respeito da formação da província/estado, também foram escritos, em menor escala, livros tratando especificamente do tema.

Significativa parte dos trabalhos ligados a uma história geral da imprensa gaúcha foi produzida em um momento em que começava a dar-se uma definição do significado dos estudos históricos, de seu objeto, de sua

função, bem como a delimitação das tarefas do historiador, realizada por intelectuais vinculados às instituições da cultura, na busca de um aprofundamento na consolidação da historiografia rio-grandense. Mesmo assim, em grande parte, naquela conjuntura, ainda não havia uma definição sequer da atividade de historiador, o que estava ocorrendo era exatamente esse processo de institucionalização da disciplina e do próprio intelectual a ela dedicado³. Dessa maneira, a imprensa foi, na maioria das vezes, estudada por indivíduos sem uma formação acadêmica em História, predominando os trabalhos de jornalistas, advogados, funcionários públicos e militares. Tal tendência seria duradoura e só de forma paulatina e bem mais recentemente passaria por algumas transformações.

Nesse quadro, a construção historiográfica a respeito da imprensa sul-rio-grandense, empreendida predominantemente ao final dos Oitocentos e ao longo da centúria seguinte, pode ser melhor compreendida na forma de estudos de caso e como uma breve amostragem a partir da análise dos escritos de vários dos autores que, ao longo desse tempo, se dedicaram a construir uma história geral da imprensa gaúcha. A análise de tais registros busca investigar a produção histórico-intelectual dos escritores sobre o tema em pauta, em suas características intrínsecas como a escolha de técnicas de expressão e a coloração inconsciente da

_

³ ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Introdução ao estudo da historiografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia, 1983 (Dissertação de Mestrado). p. 167 e 333.

narrativa, o hábito do historiador em pesquisar e apresentar provas – seu estilo profissional⁴, a relação sujeito-objeto e as distinções/omissões diante dos fatos e/ou assuntos.

A maior parte da história sobre a imprensa no Rio Grande do Sul se inseriu desde um momento em que a figura do historiador ainda está se afirmando, predominando o estereótipo de "homens da cultura" ou intelectuais em geral que abordam descritivamente os temas correlatos ao jornalismo, até um contexto historiográfico mais amplo, predominante por longo período na produção histórica rio-grandense, tratandose de uma vertente ligada ao que se poderia denominar de "historiografia oficial"⁵. As principais características de tais formas de interpretação historiográfica são geralmente: a abordagem do particular pelo particular; atitude de contemplação do passado; supervalorização do papel do indivíduo como agente transformador da história; a busca de um estudo neutro dos fatos, com a negação completa de qualquer relacionamento entre o sujeito/observador e o objeto observado; a não aplicação de preceitos teóricometodológicos ou de recursos inovadores e nem do inter-relacionamento com as demais ciências sociais; a vital preocupação com as fontes e a apresentação dos

-

⁴ GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 22.

⁵ A respeito do discurso historiográfico oficial, ver: ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Farroupilha: estudos históricos*. Rio Grande: FURG, 2004.

documentos para comprovar suas asserções; e a narração linear dos acontecimentos⁶.

A inserção da história da imprensa nesse contexto historiográfico determinou o predomínio de uma historiografia informativa, na qual a sua unidade reside no tratamento da matéria marcada pela chamada história acontecimental que, às vezes, chega ao anedótico, ou ainda a um estilo próximo da reportagem. Nessa linha, na maioria das vezes, são característicos os procedimentos descritivos, ritmados pelos antes e depois, recheados de episódios, nomes e datas. Além disso, o aparecimento e o desenvolvimento da imprensa são tratados como eventos desconectados de qualquer processualidade empírica⁷. Em alguns dos trabalhos sobre o jornalismo rio-grandense pode-se também observar um gosto pelo simplesmente folclórico, a

_

⁶ Segundo Sandra Pesavento, esse tipo de abordagem histórica não realiza a análise do processo subjacente ao simples arrolamento dos fatos. Escapa à interpretação o contexto socioeconômico no qual se movem os atores. Estes, por sua vez, não aparecem como elementos pertencentes a um grupo social determinado, mas como indivíduos. (PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: cultura & ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 83.).

⁷ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *História da imprensa e da comunicação social no Rio Grande do Sul (bibliografia e notas para uma avaliação crítica)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1983. p. 5.

investigação pelo simples prazer de investigar, a produção intelectual decorativa⁸.

Assim, os textos que tratam da história da imprensa rio-grandense limitam-se, muitas vezes, a realizar um arrolamento de periódicos, onde o objeto estudado - os jornais - aparece isolado em relação ao contexto histórico no qual se desenvolve, de modo que dificilmente o tratamento da história da imprensa é ligado aos horizontes ideológicos do período estudado, bem como não promovem uma articulação entre os seus temas de análise e a sociedade e os contextos sociais particulares em que foram produzidos e sobre os quais tiveram efeitos os jornais⁹. Essas obras, na maior parte, privilegiam o estudo das características formais de cada um dos periódicos (como tipografia, preço, formato e de páginas), considerados elementos número fundamentais, em detrimento de uma análise mais profunda dos valores explícitos/implícitos dos jornais. A grande "discussão" historiográfica se dá em torno do surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul¹⁰, daí o

_

⁸ GERTZ, René E. Intelectuais gaúchos pensam o Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*. v.10, n.1. Porto Alegre: PUCRS, 1984. p. 87.

⁹ RÜDIGER, 1983. p. 6-7.

¹⁰ Sobre a constante abordagem das "origens" na produção histórica a respeito da imprensa rio-grandense, Francisco Rüdiger afirma: A história da imprensa não é a sucessão compulsória de títulos e padrões editoriais de uma origem, que se localiza na fundação de um primeiro jornal num espaço-tempo da história. Pode-se admitir como hipótese de investigação, que o aparecimento da imprensa deve ser relacionado com as exigências da vida política; com a captação pelas classes e frações de classes sociais, por intermédio de

aparecimento de uma série de títulos envolvendo a "gênese", as "origens", a "fundação", ou os "primórdios" da mesma. Esse "debate" restringe-se, porém, a responder e discordar no que se refere a questões como o nome do responsável pela implantação de uma tipografia no sul, assim como o local e a data da mesma, sem elucidar outros elementos explicativos.

Nesse contexto, produção а intelectual concernente à história geral da imprensa no Rio Grande do Sul, entabulada a partir da década de oitenta do século dezenove esteve inserida nas características de uma mesma formação discursiva de historiográfica. Essa produção foi marcada por um caráter predominantemente descritivo, na qual, apesar de certas nuanças entre as formas de abordagem, o processo histórico e a evolução do jornalismo aparecem dissociados entre si e no todo da conjuntura da sociedade, sendo tratados de modo estanque na maior parte de cada uma dessas obras. Dessa forma, a elaboração de catálogos, listas estatísticas, arrolamentos e levantamentos descritivos foi uma das formas mais comuns na abordagem a respeito da história do jornalismo gaúcho, de modo que esse tipo de trabalho

categorias específicas, da dimensão política de seu destino e de sua vontade ativa na vida política. O desenvolvimento da imprensa resultaria do desdobramento do campo político e, em particular, da necessidade das classes e frações de classes sociais fazerem-se representar e valer seu arbitrário político-cultural no campo social. (RÜDIGER, Francisco Ricardo. O nascimento da imprensa no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*. v.13. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1985. p. 116.).

foi desenvolvido desde as origens da produção historiográfica acerca da imprensa rio-grandense, ao final do século XIX, prolongando-se ao longo da centúria seguinte, com ênfase à sua primeira metade¹¹.

-

¹¹ Este livro constitui uma versão revisada e ampliada do texto "Uma historiografia da imprensa gaúcha", publicado no volume 51 da *Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense*, editado em 2011, pela Universidade Federal do Rio Grande. O critério para o estudo dos trabalhos selecionados é a abordagem estrita de uma história geral da imprensa sul-riograndense. Também foram destacadas pesquisas de enfoque mais específico, no caso de serem complementares em relação aquele foco central. Não foram incluídas na pesquisa monografias, dissertações e teses realizadas no âmbito universitário

Arrolamentos, notas, catálogos e estatísticas

Um dos primeiros trabalhos acerca da imprensa rio-grandense surgiu em 1884, com as "Notas sobre a imprensa no Rio Grande do Sul de João José Cezar¹². Nesse pequeno ensaio, devido às próprias características de ter sido publicado no *Anuário da Província do Rio*

4.

¹² CEZAR, João José. Notas sobre a imprensa no Rio Grande do Sul. In: Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o ano de 1885. Porto Alegre: Editores Gundlach & Cia. Livreiros, 1884. p. 188-200. João José Cezar foi um jornalista gaúcho, nascido no Rio Grande, em 1849, que iniciou sua carreira em 1862, como aprendiz, no jornal *Eco do Sul* de sua cidade natal, folha em que também viria a atuar como redator. Trabalhou no periódico A Federação (Porto Alegre) e fundou e dirigiu Folha da Tarde, também da capital rio-grandense. Foi ainda coproprietário e redator da Crônica, no Rio de Janeiro. Além do artigo em questão, publicou "A maçonaria e a mulher conferência". Colocou-se na oposição e resistência ao regime castilhista, o que lhe custou fortes perseguições políticas. Faleceu em 1915. Dados obtidos a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Sátiras políticas versejadas no Brasil Meridional: as origens das Historietas (1890). Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.; e ALVES, Francisco das Neves. O contrabando na fronteira meridional do Brasil: J. J. Cezar e a Folha da Tarde. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021.

Grande do Sul¹³, o autor tem por objetivo destacar os periódicos existentes na província durante o ano de 1884. Assim, na forma de introdução, ele aponta o número total de periódicos, buscando classificá-los quanto à periodicidade (diários ou não), à tendência política ("declaradamente" conservadores, liberais ou republicanos), à religião (religiosos ou não) e à posição frente à abolição da escravatura. A seguir, o jornalista passa a arrolar os jornais, destacando seu período de existência e suas características formais, como preço, tipografia, formato, responsáveis e colaboradores; classificando-os por cidade, e, dentre essas, em diários, bissemanais e semanais. Dessa maneira, o autor cataloga doze jornais em Porto Alegre; sete, no Rio Grande; seis, em Pelotas; quatro, em Jaguarão; três, em Santa Vitória do Palmar e Santana do Livramento; dois, em São Leopoldo, Santa Cruz, Cruz Alta, Bagé, Dom Pedrito, São Gabriel, Alegrete, Quaraí e Uruguaiana; e um, em Cachoeira, Itaqui e São Borja.

Cezar destaca o objeto e os limites de suas "Notas", declarando aceitar possíveis contribuições que viessem a completar as mesmas, ao afirmar que, como o único interesse que nelas tinha era o de apresentar um trabalho o mais completo possível, pedindo aos diretores de todos os jornais da província que se dignassem a

_

¹³ Tal anuário pretendia ser um livro anual, especialmente dedicado à província, bem como um repositório indispensável em todas as casas, contendo temas diversificados, visando a bem satisfazer o público rio-grandense. ANUÁRIO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANO DE 1885. Porto Alegre: Editores Gundlach & Cia. Livreiros, 1884. p. 3-4.

enviar-lhe quaisquer informações a respeito, retificando pontos que fossem inexatos¹⁴. Diante disso, o escritor encerra o ensaio agradecendo as possíveis colaborações e determinando que sua intenção, ao escrevê-lo, era a de realizar um trabalho predominantemente estatístico, explicando que ficaria muito grato aos colegas que lhe honrassem com suas notícias, a fim de habilitarem-no a melhorar aquele "simples ensaio estatístico" ¹⁵.

Trecho do texto

A Província do Rio Grande do Sul tem atualmente em circulação 56 órgãos de publicidade, sendo 18 diários (5 na capital, 5 no Rio Grande, 5 em Pelotas e 8 em Jaguarão).

Os demais aparecem uma e duas vezes por semana. De toda a imprensa apenas 15 folhas são declaradamente políticas, apresentando-se 6 como *órgãos de partido* – 3 conservadoras (1 na capital, 1 no Rio Grande e 1 em Pelotas), 2 liberais (1 na capital e 1 em Jaguarão) e 1 republicana (na capital).

Das 15 políticas, 6 são conservadoras (2 na capital, 1 no Rio Grande, 1 em Pelotas, 1 em Jaguarão e 1 em Santa Vitória do Palmar), 6 liberais (1 na capital, 2 no Rio Grande, 1 em Pelotas, 1 em Jaguarão e 1 em Santa Vitória) e 3 republicanas (2 na capital e 1 em S. Gabriel).

Quanto a ideias religiosas, a imprensa, em sua maioria, não é muito bem definida.

O *carolismo*, porém, tem um ou outro defensor, sendo que alguns jornais aceitam tudo quanto pertence à igreja católica.

Há também dois órgãos protestantes (1 em S.

. .

¹⁴ CEZAR. p. 200.

¹⁵ CEZAR. p. 200.

Leopoldo e 1 no Rio Grande) e 1 ultramontano (em Cruz Alta).

52 folhas publicam-se em português e 4 em alemão, sendo destas 2 na capital e 2 em S. Leopoldo.

Em relação à ideia dominante – a abolição do elemento escravizado – quase em sua totalidade a imprensa rio-grandense abraça-a francamente.

Não sei se farei injustiça dizendo que apenas os 3 órgãos do partido conservador são divergentes.

 (\ldots)

É difícil precisar rigorosamente a tiragem das folhas da província, mas posso assegurar que a *Federação* é a que tem maior circulação, imprimindo certa de 2.000 exemplares.

À exceção da *Reforma*, de tiragem superior a 1.000 exemplares, e talvez o *Jornal do Comércio* desta capital e do *Correio Mercantil* em Pelotas, creio que nenhuma outra folha atinge ao número de 1.000 exemplares.

Como o único interesse que tenho nessas *notas* é apresentar um trabalho o mais completo possível, peço aos diretores de todos os jornais da província que se dignem enviar-me quaisquer informações a respeito, retificando pontos que forem inexatos.

Creio que há em circulação maior número de jornais, tendo talvez faltado algum de Alegrete, de Itaqui, de Jaguarão ou de alguma outra localidade.

Muito grato ficarei aos colegas que me honrarem com suas notícias, a fim de habilitarem-me a melhorar este – simples ensaio estatístico.

Depois de pronto este trabalho, soube que na cidade do Rio Grande publicam-se o *Lusitano*, órgão de interesses da colônia portuguesa, e a *Luz*, periódico abolicionista. Com estes dois ascende a 58 o número de jornais da província.

A *Ordem*, de Jaguarão, acaba de passar a novo proprietário (...), deixando a política do partido liberal.

Porto Alegre, 20 de setembro de 1884.

ANNUARIO

DA

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

PARA O ANNO

DE

1885

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO

DE

GRACIANO A. DE AZAMBUJA

PORTO ALEGRE

EDITORES: GUNDLACH & CIA., LIVREIROS

501 RUA DOS ANDRADAS 501

1884.

NOTAS SOBRE A IMPRENSA DO RIO GRANDE DO SUL

POR

J. J. CEZAR

A provincia do Rio Grande do Sul tem actualmente em circulação 56 orgãos de publicidade, sendo 18 diarios (5 na capital, 5 no

Rio Grande, 5 em Pelotas e 3 em Jaguarão).

Os demais apparecem uma e duas vezes por semana. De toda a imprensa apenas 15 folhas são declaradamente politicas, apresentando-se 6 como orgãos de partido — 3 conservadoras (1 na capital 1 no Rio Grande e 1 em Pelotas), 2 liberaes (1 na capital e 1 em Jaguarão) e 1 republicana (na capital).

Das 15 políticas, 6 são conservadoras (2 na capital, 1 no Rio Grande, 1 em Pelotas, 1 em Jaguarão e 1 em Santa Victoria do Palmar), 6 liberaes (1 na capital, 2 no Rio Grande, 1 em Pelotas. 1 em Jaguarão e 1 em Santa Victoria) e 3 republicanas (2 na ca-

pital e 1 em S. Gabriel).

Quanto a idéas religiosas, a imprensa, em sua maioria, não é muito bem definida.

O carolismo, porém, tem um ou outro defensor, sendo que alguns

jornaes aceitam tudo quanto pertence á igreja catholica. Ha tambem dois orgãos protestantes (1 em S. Leopoldo e 1 no Rio Grande) e 1 ultramontano (na Cruz-Alta).

52 folhas publicam-se em portuguez e 4 em allemão, sendo d'estas

2 na capital e 2 em S. Leopoldo.

2 na capital e 2 em s. Leopoido. Em relação á idéa dominante — a abolição do elemento escravisado — quasi em sua totalidade a imprensa rio-grandense abraça-a

francamente.

Não sei se farei injustiça dizendo que apenas os 3 orgãos do partido conservador são divergentes.

Os 56 jornaes publicam-se:

Em Porto Alegre - 12

Diarios

 Jornal do Commercio: — Formato 63 por 45 cent., o maior de toda a provincia. — Existencia, 20 annos. — Assignatura, por anno, 188000 para a capital e 208000 para fóra. — Typographia á praça Senador Florencio. — Proprietarios Antonio Candido da Silva Job & Comp. — Chefe da redacção. Achylles Porto Alegre.

Job & Comp. — Chefe da redacção, Achylles Porto Alegre. Foi fundado por Luiz Cavalcanti, já fallecido, tendo então uma época brilhante. Cavalcanti, inaugurando na provincia a imprensa barata (a assignatura era então de 10\$000 annuaes), conseguio dar

grande circulação ao Jornal.

Outro trabalho, também de natureza quantitativo-descritiva, publicado no final do século XIX, foi "Estatística dos jornais que se têm publicado no Rio Grande do Sul" de João de Oliveira¹⁶, trabalho publicado no *Almanaque Popular Brasileiro*¹⁷. O autor procura

OLIVEIRA, João de. Estatística dos jornais que se têm publicado no Rio Grande do Sul. In: Almanaque Popular Brasileiro para 1897. Pelotas: Echenique & Irmão - Livraria Universal, 1896. p. 231-239. Segundo informava a nota de rodapé do artigo, João de Oliveira era bacharel em Direito e lente do curso anexo da Academia de Direito do Recife, que possuía em seu arquivo de jornais do Brasil quase todos os títulos relacionados no levantamento.

¹⁷ O Almanague Popular Brasileiro, editado em Pelotas, entre 1894 e 1908, destacava que pretendia vencer as dificuldades inerentes a todas as empresas em seu começo, buscando desempenhar aquele espinhoso encargo, e pretendendo constituir um simples ensaio em meio às publicações daquele gênero. Além disso, visava a levar ao público uma ampliada parte de informações e uma mais variada parte recreativa (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO. Pelotas: Livraria Universal, 1893. p. 3.). Na época, eram os almanagues que reuniam e ofereciam um saber para todos, de cunho astronômico, religioso, social, científico, técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico (LE GOFF, Jacques. História e memória. 7.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. p. 480.). Em seus conteúdos, os conhecimentos históricos e científicos ficavam entremeados por literatura, poesia, teatro, juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis (MOREIRA, Alice T. C. Almanague: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul. In: Letras de hoje. Porto Alegre: PUCRS, 1998, v. 33, n. 3. p. 144.). Sem abdicar da sua função inicial de prognóstico, tais publicações ofereciam informação rápida e sintética em vários campos, bem como

realizar um levantamento dos periódicos rio-grandenses, desde as origens da imprensa até o ano de 1896, catalogando-os por cidade, com o título do jornal e o período da respectiva existência. Aponta, assim, a presença de jornais em: Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Santana do Livramento, Uruguaiana, Bagé, Cruz Alta, Santa Maria, São Gabriel, Quaraí, Santa Vitória do Palmar, Cachoeira, Itaqui, Alegrete e Dom Pedrito, entre outras localidades. Desse modo, João de Oliveira faz o levantamento de seiscentas e vinte e nove folhas que circularam no Rio Grande do Sul, destacandolhes apenas os títulos e períodos, não tecendo nenhuma consideração sobre as mesmas. Apesar de ter por objetivo realizar um levantamento completo dos jornais rio-grandenses, o autor reconhece as dificuldades e limites nesse tipo de empreitada, calculando que para o completo estudo da estatística faltavam ainda cerca de 200 jornais¹⁸.

promoviam a oferta de literatura para públicos específicos (CHAVES, Vania Pinheiro. O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 112.).

¹⁸ OLIVEIRA. p. 231.



- 231 -

Estatistica dos jornaes que se têm publicado no Rio-Grande do Sul (*)

PORTO-ALEGRE

Amigo do Homem e da	Argos	1844
Patria	-31 Porto-Alegrense .	1848-49
Constitucional Rio-Gran-	Pharol	1850-53
dense	-31 Mercantil	1850-54
Vigilante		egre . 1851
Sentinella da Liberdade . 1831	-34 Vos do Povo	1851
Continentista 1832	-36 Correio do Sul .	1854-68
Noticiador	-36 Archivo de Medicina	e Phar-
Idade de Ouro 1833	macia do Rio-Gre	
Democrata Rio-Grandense 1833	Guayba	1855
Inexoravel	Conciliador	1859
Commercio	Deutsche Zeitung .	60-96(**
Federal 1833	Ordem	1861-64
Sete de Abril 1833		Histo-
Recopilador Liberal 1834		do Rio
Gaseta Mercantil 1838	Grande do Sul .	1863
Mensageiro 1838	-36 Esperança	1863
Echo Porto-Alegrense 1835	Trovão	1864
Correio Official 1835	Propaganda	1864
Propagador da Industria	Futuro	
Rio-Grandense 1838		
Barbeiro 1835		1865-77
Idade de Pau 1835		1867
Inflexivel		1868-96
Legalista 1835		1868
Justiceiro		1869
Sentinella da Monarchia. 1837		1871-73
Correio de Porto-Alegre . 1837		
Campeão da Legalidade . 1837		1871
Imperialista 1839		1871-73
	-48 Democracia	1872-79
	-43 Rev. Contemporaneo	
Analysta 1841		
Imparcial 1844	-46 Gazeta de Porto-Ale	egre . 1872-84

^(*) Este importante trabalho é devido ao Sr. Dr. João de Oliveira, lente do curso annexo da Academia de Direito do Recife, que possue no seu opulento archivo de jornaes do Brazil quasi todos os relacionados aqui.

Calcula S. S. que para o completo da estatistica faltam ainda cerca de 200 jornaes.

^(**) O numero 1896 em grypho indica que o jornal ainda se publica.

Um dos autores que, na virada do século XIX para o XX, mais se dedicou ao estudo da imprensa no Rio Grande do Sul foi Alfredo Ferreira Rodrigues¹⁹. Seu trabalho inicial sobre tal assunto foi publicado em 1898,

_

¹⁹ O escritor rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942) foi pesquisador, ensaísta, historiador, cronista, literato jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta, professor, comerciante, industrialista e viajante comercial. Atuou ainda como funcionário e gerente da Livraria Americana e foi fundador do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, co-fundador da Academia Rio-Grandense de Letras, sócio do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos, na cidade do Rio Grande e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Pertenceu também ao Clube Literário Apolinário Porto Alegre (Pelotas), ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, aos Institutos Históricos e Geográficos da Bahia, Ceará e São Paulo e à Sociedade de Geografia de Lisboa. Dentre seus escritos podem ser destacados: "Homens e fatos do passado", "Revolução de 1835", "Estado do Rio Grande do Sul", "Primeiros fortes do Rio Grande", "A fronteira do Rio Grande" e "A Revolução e a República", além de uma série de biografias, notadamente sobre os participantes da Revolução Farroupilha. Dados obtidos a partir de: MARIANTE, Hélio Moro. Alfredo Ferreira Rodrigues. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982. p. 7-19.; MARIANTE, Hélio Moro. Perfil de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Vultos e fatos da Revolução Farroupilha. Brasília: Imprensa Nacional, 1990. p. 14.; MARTINS, Ari. Escritores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 495-497.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 432-436.

por ocasião das comemorações do cinquentenário do jornal rio-grandino *Diário do Rio Grande*, surgindo as primeiras de uma série de "Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul"²⁰. Nesse artigo, o autor destaca que escrevera "uma notícia histórica" da imprensa rio-grandense, desde o primeiro jornal até 1845, ano que fechava o "ciclo revolucionário", descrevendo um total de quarenta e três jornais.

Diante desse objeto de estudo, Rodrigues explica os limites na realização de seu intento, assim como a intenção de ampliar o trabalho. Nesse sentido, destaca que começara a tomar apontamentos de tudo que se relacionava com a imprensa, na esperança de que, dentro em pouco, teria material para um estudo detalhado. Entretanto, ressalta que, infelizmente, os dados colhidos foram muito poucos, deficientes sobre a vida de alguns jornais e quase nulos no tocante a outros. Diante de tais empecilhos, explica que, em todo caso, para não deixar de associar-se à comemoração do jubileu do *Diário do Rio Grande*, vinha trazer os poucos dados que reunira, os quais seriam, quando muito, o esboço de

-

²⁰ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. *Diário do Rio Grande*. Rio Grande: 16 a 21 out. 1898. p. 1-2. O *Diário do Rio Grande* foi um dos mais longevos periódicos rio-grandinos, tendo sido editado de 1848 a 1910, apresentando uma etapa de aproximação com os conservadores e, posteriormente, outra, com os liberais, a partir da República, buscou reforçar seu norte editorial noticio-informativo (ALVES, Francisco das Neves. *O primado da notícia como estratégia discursiva: uma história do Diário do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2001.

trabalho mais completo, que com vagar haveria de escrever futuramente²¹.

Trecho do texto

Outro fato curioso e que não deve passar sem reparo é a maneira por que esses jornaizinhos eram feitos. Quase todos eles tinham uma feição moderna, para a época, já se vê; eram variados e de leitura escolhida. Ao passo que muitos jornais do Rio de Janeiro, como a *Aurora Fluminense*, do ilustre Evaristo da Veiga, *a Astreia*, a *Malagueta*, o satírico *Sete de Abril*, etc., eram apenas jornais de doutrinação ou de polêmica, ocupando às vezes números inteiros com um ou dois artigos apenas, sem se preocuparem de nenhum outro assunto mais, os do Rio Grande eram mais movimentados, muito mais bem feitos. Tinham, a par do artigo de fundo, sobre interesse geral ou na maioria dos casos sobre política, o noticiário chamado do interior, isto é, das outras províncias, noticiário local e do exterior, bem cuidada parte comercial e marítima e até anúncios.

Nas questões pessoais, os jornais franqueavam as suas colunas à defesa do acusado, acompanhando-a muitas vezes da respectiva contradita; mas, em todo o caso, estampando o pró e o contra no mesmo lugar, onde de certo seria lido pelo mesmo pessoal, que assim poderia formar um juízo exato da questão, dando razão a quem lhe parecesse têla. Isto é um belo exemplo de lealdade, digno de ser imitado ainda hoje.

Até 1845 publicaram-se jornais em Porto Alegre e no Rio Grande, e os órgãos oficiais da República Rio-Grandense em Piratini, Caçapava e Alegrete. Não me consta que em outro ponto tivessem aparecido publicações regulares. (...)

_

²¹ RODRIGUES, 1898. p. 2.

Todos eles traziam no cabeço, além das indicações dos dias em que se publicavam, preços, casas onde se podiam tomar assinaturas, local da tipografia, etc., um dístico latino, um pensamento de algum escritor de nomeada, muitas vezes uma quadra ou uma frase jocosa, que lhe servia de divisa e que resumia os intuitos de sua redação.

Eis a relação que me foi possível organizar dos jornais rio-grandenses.



NOTAS

PARA A HISTORIA DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL

POR

Alfredo F. Rodrigues

Amigo Andrade

Tinha-lhe promettido, desde o anno passado, para o numero commemorativo do 50° anniversario do seu Diario do Rio Grande, uma noticia historica da imprensa no Rio Grande do Sul, desde que se começou a publicar o primeiro jornal na provincia até o anno de 1845, em que se fecha o cyclo revolucionario.

A promessa não ficou esquecida. Desde então, revendo nas horas vagas os meus alfarrabios, que são muitos, e os meus jornaes velhos, que são muitissimos, comecei a tomar apontamentos de tudo que se relacionava com a imprensa, na esperança de que, dentro em pouco, teria material para um estudo detalhado.

Ainda nesse artigo, publicado ao longo de várias edições do *Diário do Rio Grande*, Ferreira Rodrigues faz considerações sobre as características gerais da imprensa durante o período estudado, quanto à periodicidade e ao formato dos jornais, aponta a qualidade e a "feição moderna" daqueles periódicos, bem como a importância dos mesmos no desenrolar dos acontecimentos daquele momento²². A partir daí, o autor passa a arrolar uma série de jornais, com breve abordagem das características formais de cada um.

No ano seguinte, Rodrigues reedita suas "Notas"²³, no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*²⁴ complementando-as em relação às

-

²² Para Alfredo Ferreira Rodrigues, era notável que uma imprensa, publicando-se tão poucas vezes e dispondo de tão acanhado espaço pudesse influir no espírito público de modo tão decisivo como influiu no período que vai de 7 de abril de 1831 a 20 de setembro de 1835. Pode-se dizer que o movimento revolucionário de 1835, ainda que obedecendo a causas múltiplas foi preparado por essa imprensa liliputiana. Ela pesou muito seriamente na opinião e é inegável que alguns de seus órgãos tinham boa orientação e eram inteligentemente redigidos. (RODRIGUES, 1898. p. 2.).

²³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1900*. Rio Grande: Editores Carlos Pinto & Comp. - Livraria Americana, 1899. p. 231-257.

²⁴ No Rio Grande do Sul, um dos mais longevos e organizados anuários foi o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicado na cidade do Rio Grande entre 1889 e 1917. Dentre seus objetivos estava o de colecionar os apontamentos

anteriores, trazendo a catalogação de cinquenta jornais, e ratificando o seu objetivo de trabalho. De acordo com tal perspectiva, o autor relata que, revendo nas horas vagas os seus alfarrábios, que eram muitos, e os seus jornais velhos, que também eram muitíssimos, veio-lhe a ideia de escrever uma notícia histórica da imprensa no Rio Grande do Sul, desde que se começou a publicar o primeiro jornal na província, até mais ou menos o ano de 1845, em que terminou a Revolução, período da história gaúcha que tinha mais seriamente estudado²⁵.

Apesar de afirmar que organizava seus escritos "nas horas vagas", Ferreira Rodrigues sustenta a exatidão de suas pesquisas, argumento que buscava legitimar a partir do contato direto com as fontes, afirmando, sobre os jornais, que de quase todos eles possuíra ou tivera à consulta coleções mais ou menos completas, de muitos lera apenas alguns números, mas não haveria um só deles de que não tivesse encontrado referência em outros jornais ou em documentos da época, ou de que tivera informações precisas. Desse modo, enfatiza que a relação apresentada era, portanto, digna de confiança, uma vez que até poderia não ser completa, mas era, em todo o caso, exata²⁶. No mesmo

que pudessem interessar a todos, mostrando o desenvolvimento e o progresso regional. Pretendia também, a partir de vários elementos esparsos, fazer um livro digno da aceitação e da proteção pública. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1889. Rio Grande: Livraria Americana, 1888. p. 3.).

²⁵ RODRIGUES, 1899. p. 231.

²⁶ RODRIGUES, 1899. p. 257.

ano, ocorreu a edição de um livreto com a reprodução integral deste trabalho²⁷.

Trecho do texto

Em tempos, revendo nas horas vagas os meus alfarrábios, que são muitos, e os meus jornais velhos, que são muitíssimos, veio-me a ideia de escrever uma notícia histórica da imprensa no Rio Grande do Sul, desde que se começou a publicar o primeiro jornal na província, até mais ou menos o ano de 1845, em que terminou a revolução, período da nossa história que eu tenho mais seriamente estudado.

Desde então comecei a tomar apontamentos de tudo que se relacionava com a imprensa, na esperança de que, dentro em pouco, teria material para um estudo detalhado. Infelizmente os dados colhidos foram muito poucos, deficientes sobre a vida de alguns jornais e quase nulos no tocante a outros, de modo que apenas me foi possível traçar estas ligeiras Notas, que serão, quando muito, o esboço de um trabalho mais completo, que com vagar hei de escrever. (...)

Terminam aqui os meus apontamentos, pois só tenho seriamente estudado o período da revolução, que termina em 1845.

É possível que houvesse maior número de jornais, sobretudo depois de 1841, que é precisamente de quando me começam a escassear documentos.

De quase todos eles possuo ou tive à consulta coleções mais ou menos completas, de muitos li apenas alguns números, mas não há um só deles de que não encontrasse referência em outros jornais ou em documentos

²⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. Rio Grande: Livraria Americana, 1899.

da época, ou de que não tivesse informações precisas.

A relação que apresento é, portanto, digna de confiança; poderá não ser completa, mas é, em todo o caso, exata.

Rio Grande, agosto de 1899.

ALMANAK

TITTERARIO E ESTATISTICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

PARA

1900

Com a biographia do illustre rio-grandense

ANTONIO VICENTE DA FONTOURA

Enriquecido com muitos retratos e biographias de brazileiros illustres e varias materias de utilidade publica

ORGANISADO POR

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES

Do Instituto Historico e Geographico Brazileiro do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, do Instituto Geographico e Historico da Bahia e da Sociedade de Geographia de Lisboa



EDITORES

CARLOS PINTO & COMP. SUCCESSORES

Officinas a vapor da Livraria Americana

RIO GRANDE

ESTATISTICA, HISTORIA E GEOGRAPHIA

Notas para a historia

DA

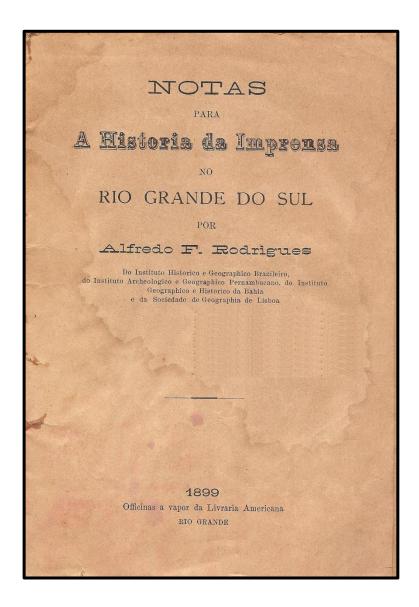
IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL

Em tempos, revendo nas horas vagas os meus alfarrabios, que são muitos, e os meus jornaes velhos, que são muitissimos, veio-me a idéa de escrever uma noticia historica da imprensa no Rio Grande do Sul, desde que se começou a publicar o primeiro jornal na provincia, até mais ou menos o anno de 1845, em que terminou a revolução, periodo da nossa historia que eu tenho mais seriamente estudado.

Desde então comecei a tomar apontamentos de tudo que se relacionava com a imprensa, na esperança de que, dentro em pouco, teria material para um estudo detalhado. Infelizmente os dados colhidos foram muito poucos, deficientes sobre a vida de alguns jornaes e quasi nullos no tocante a outros, de modo que apenas me foi possivel traçar estas ligeiras Notas, que serão, quando muito, o esboço de um trabalho mais completo, que com vagar ainda hei de escrever.

* * *

Até 1846, não houve no Rio Grande do Sul, um unico jornal diario. O maior numero delles publicava-se duas vezes



Também sobre a imprensa gaúcha, Ferreira Rodrigues escreve um "Catálogo dos jornais publicados no Rio Grande do Sul (1827-1864)"28, no qual ele realiza uma listagem de cento e oitenta e cinco jornais, catalogando-os nos quesitos título, lugar, início e fim da publicação. São apontados periódicos das localidades de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Alegrete, São Gabriel, Bagé, Piratini e Caçapava. Nesse último trabalho, o autor vai ainda mais diretamente ao encontro adotar como método descritivo simples O realiza nenhum tipo de arrolamento, pois não introdução explicativa quanto a seus objetivos, bem como não faz considerações sobre as características dos jornais citados. Já quanto às suas "Notas", outras foram editadas²⁹, tratando-se da biografia do jornalista Cândido Augusto de Mello, que atuou em Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, nas quais o autor também estabelece explicações sobre a imprensa naquela primeira cidade.

-

²⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Catálogo dos jornais publicados no Rio Grande do Sul (1827-1864). In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1904*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. - Livraria Universal, 1903. p. 221-225.

²⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul: Cândido Augusto de Mello. In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1905*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. - Livraria Universal, 1904. p. 151-154.

Trecho do texto

A cidade de Pelotas só teve um jornal em 1851.

Em Porto Alegre os primeiros jornais apareceram em 1828 e no Rio Grande em 1832, sendo que em qualquer das duas cidades desde então pulularam pequenas publicações periódicas ou diárias.

Em Piratini, Caçapava e Alegrete, já haviam visto a luz da publicidade os jornais oficiais da República Rio-Grandense, *O Povo*, em Piratini e Caçapava, e a *Estrela do Sul* e o *Americano*, em Alegrete. Em S. Gabriel mesmo tinha aparecido um ano antes, julho de 1850, um jornalzinho manuscrito, *O Artilheiro*, cujo nome é aqui citado apenas para assinalar o começo da carreira jornalística, temível e negra, de Pedro Bernardino de Moura.

Foi, portanto, Pelotas a 6ª localidade do Estado que possuiu um jornal impresso, e parece mesmo que não era ali geralmente desejado o aparecimento da imprensa.

De fato, nessa época, era pouco animador o exemplo do jornalismo na cidade do Rio Grande, alimentado apenas de questões pessoais, explorando o escândalo em publicações pagas (comunicados) e não se ocupando de um único assunto sério. É fora de dúvida que o influxo de uma tal imprensa era desmoralizador e dissolvente, e razão tinha um correspondente do *Diário do Rio Grande*, quando, ssssssss em 1849, felicitava os habitantes de Pelotas "por não terem querido até então sustentar em seu seio um periódico qualquer".

Mas não devia demorar muito [para] que a imprensa ali se estabelecesse, sendo seu introdutor o tipógrafo e impressor Cândido Augusto de Mello, sobre cuja individualidade é justo que se digam algumas palavras, agora que em Pelotas se trata de festejar o jubileu de sua imprensa.



POPULAR BRAZILEIRO

PARA O ANNO

DE

1904

Ornado com os retratos e esboços biographicos de EDUARDO PRADO, LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, VISCONDE DO RIO GRANDE, MANUEL VICTORINO, FRANCISCO DE CASTRO, JOÃO FRANCISCO LISBOA, SEBASTIÃO DE LEÃO, CARLOS HARTT, M. GORCEIX e LUIZ CRULS

E/ENRIQUECIDO COM NUMEROSAS INDICAÇÕES DE UTILIDADE PUBLICA E UMA ESCOLHIDA PARTE RECREATIVA

→ UNDECIMO ANNO ↔



Echenique Irmãos & Cia — Livraria Universal Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande

1903

PARTE RECREATIVA

221

Catalogo dos jornaes publicados no Rio-Grande do Sul

(1827 - 1864)

(1827 — 1864)					
NS. TITULO DOS JORNAES	LOCALIDADE	INICIO DA P	UBL.	FIM DA F	PUBG.
1 Diario de Porto Alegre	P Alegre.	1	827	?	
2 Constitucional Rio-Grandense			828		?
3 Amigo do Homem e da Patria		Setemb. ? 1	0077000000		
4 Vigilante			880		
5 Sentinella da Liberdade	TTTTEE C		830		
6:Correio da Liberdade	10 Miles &	The second second second second	831	?	
7 Continentino	Septem 4	Outubro 1	831	1833	
8 Compilador	«	« ? 1	831	1832?	
9 Noticiador	Rio-Grande	3 Janeiro 1	832		
A Mercurio de Porto Alegre	P. Alegre.			Não appa	
10 Observador			832		
11 ?	<		832		
12 Annunciante	P. Alegre.		832		
13 Recopilador Liberal	<		832		336
14 Inflexivel	«	Novemb. 1	832	Mar.ou Abr	.1834
15 Propagador da Industria Rio-					
Grandense	Rio-Grande	Fevereiro 1	833	Março 1	834
16 Idade de Ouro	P. Alegre.	1	833	?	
17 Idade de Pau	•	Novemb. 1	833	1835	
18 Republicano	<	25 Fever. 1	834	?	
19 Bellona		1	834	3	
20 Inexoravel		1	834	?	
21 Sete de Abril	<	1	834	?	
22 Democrata Rio-Grandense	«	1	834	?	
23 Federal	«	1	834	?	
24 Pobre	<	1	834	3	
25 Echo Porto-Alegrense	«	3 Junho 1	834	Julho 18	335
26 Correio Official da Provincia					
de S. Pedro		17 Dez. 1	8.34	19 Set. 1	1835
27 Mestre Barbeiro			835	Setembro	1835
28 Folha Mercantil			835	?	
B Farroupilha Rio-Grandense		Julho 1	835		
29 Continentista (Echo Porto-					
Alegrense)		17 Julho 1			336
30 Avisador	«	Jl. ou 10 Ag	g. 35	3	
31 Mercantil do Rio-Grande					1840
32 Mensageiro					
33 Quebra Anti-Evaristo		Dezemb.?1			
34 Liberal Rio-Grandense					
35 Legalista	P. Alegre.				
36 Justiceiro	4	Agosto 1			36
37 Gazeta Mercantil (Legalista)		Outubro 1	3/88/200		THE BALLS
38 Campeão da Legalidade			837		
39 Correio de Porto Alegre	•	Jun.ou Jul. 1	837	Agosto 1	837

48



Notas para a historia da imprensa no Rio-Grande do Sul

CANDIDO AUGUSTO DE MELLO

A cidade de Pelotas só teve um jornal em 1851.

Em Porto-Alegre os primeiros jornaes appareceram em 1828 e ro Rio-Grande em 1832, sendo que em qualquer das duas cidades desde então pullularam pequenas publicações periodicas ou diarias.

Em Piratiny, Caçapava e Alegrete, já haviam visto a luz da publicidade os jornaes efficiaes da Republica Rio-Grandense, O Povo em Piratiny e Caçapava, e a Estrella do Sul e o Americano, no Alegrete. Em S. Gabriel mesmo tinha apparecido um anno antes, em Julho de 1850, um jornalzinho manuscripto, O Artilheiro, cujo nome é aqui citado apenas para assignalar o começo da carreira jornalistica, terrivel e negra, de Pedro Bernardino de Moura.

Foi, portanto, Pelotas a 6ª localidade do Estado que possuiu um jornal impresso, e parece mesmo que não era ali geralmente desejado o apparecimento da imprensa.

De facto, nessa época, era pouco animador o exemplo do jornalismo na cidade do Rio-Grande, alimentado apenas de questões pessoaes, explorando o escandalo em publicações pagas (communicados) e não se occupando de um unico assumpto sério. E' fóra de duvida que o influxo de uma tal imprensa era desmoralisador e dissolvente, e razão tinha um correspondente do Diario do Rio Grande, quando em 1849, felicitava os habitantes de Pelotas «por não terem querido até então sustentar em seu seio um periodico qualquer».

Mas não devia demorar muito que a imprensa ali se estabelecesse, sendo seu introductor o typographo e impressor Candido Augusto de Mello, sobre cuja individualidade é justo que se digam algumas palavras, agora que em Pelotes se trata de festejar o jubileu de sua imprensa.

Em 1845, quando terminou a revolução, só havia na provincia jornaes em Porto-Alegre, tendo desapparecido todos os que se publicavam no Rio-Grande. Candido Augusto de Mello, que se separára de uma companhia dramatica, com que tinha vindo á provincia, teve idéa de crear ali um jornal, fundando o Rio-Grandense, de que foram primeiros proprietarios Piaggio e Pomatelli.

Desligado dessa empresa, administrou, em 1847 e 1848, a Nova Epoca, a Guarda Avançada e outras folhas de ephemera duração creadas por Antonio José Caetano da Silva Junior, a cujo lado havia trabalhado no Rio-Grandense.

Antonio José Caetano, depois de ter publicado uma serie de jornaes, fundou em 16 de Outubro de 1848 o Diario do Rio-Grande, unica de suas publicações que prosperou e que ainda hoje subsiste, sendo o jornal mais velho do Estado. Em 1º de Janeiro de 1849, associou-se a Candido Augusto de Mello. A sociedade pouco durou, dissolvendo-se em Março seguinte, pela retirada de Mello, de relações cortadas com Antonio José. Immediatamente (Abril de 1849) estabeleceu Mello outra typographia, em que se começou a publicar o Artilheiro, folha política o miscellanea (sic), que vivou até Junho.

Ainda no início do século XX, Tancredo Fernandes de Mello³⁰ escreve dois trabalhos sobre a imprensa rio-grandense. Em 1901, publica "Os primeiros jornais do Rio Grande do Sul"31, tratando das "origens" da imprensa gaúcha e fazendo uma declaração sobre esse assunto que geraria significativa polêmica entre os autores posteriores, afirmando que a mais antiga tipografia rio-grandense, de que conhecia documentos incontestáveis, fora a estabelecida em Porto Alegre, pelos cuidados do Marquês de Barbacena³². Apesar de sua intenção de legitimar seus escritos a partir de "documentos incontestáveis", essa consideração de contestada, posteriormente, Mello seria historiadores da imprensa rio-grandense. Esse ensaio também se caracteriza por uma narração descritiva de alguns dos primitivos jornais do Rio Grande do Sul, com destaque para os porto-alegrenses Diário de Porto Alegre, O Constitucional Rio-Grandense, O Amigo do Homem e da

_

³⁰ O porto-alegrense Tancredo Fernandes de Mello (nascido em 1870) era diplomado em Engenharia Militar, tendo sido também jornalista, historiador, pesquisador e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Dentre seus trabalhos pode-se destacar: "Almanaques do Rio Grande do Sul", "Imprensa em Santa Vitória do Palmar", "Santa Vitória do Palmar", "Pelotas: a sua fundação" e "O manifesto do príncipe". Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 362. e VILLAS-BÔAS. p. 314.

³¹ MELLO, Tancredo Fernandes de. Os primeiros jornais do Rio Grande do Sul. In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1902*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. - Livraria Universal, 1901. p. 129-137.

³² MELLO, 1901. p. 129.

Pátria, O Vigilante e o Sentinela da Liberdade e para o riograndino O Noticiador.

Trecho do texto

Mencionam os biógrafos de José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, entre os serviços por ele prestados ao Rio Grande do Sul, de que foi o primeiro presidente, a introdução da primeira tipografia na antiga província.

O Dr. Joaquim Manuel de Macedo, Sisson e o cônego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro também se referiram ao mesmo fato.

A mais antiga tipografia rio-grandense, de que conheço documentos incontestáveis, foi estabelecida em Porto Alegre (1827) pelos cuidados do marquês de Barbacena. (...)

Essa tipografia tomou o nome de *Rio-Grandense* e dela saiu o primeiro jornal da província, o *Diário de Porto Alegre*, que apareceu antes de julho de 1827.

Tenho cópia de um ofício de 31 de julho desse ano, do presidente Salvado José Maciel ao ministro da guerra, no qual há referência ao *Diário* n. 46; e uma correspondência de 14 de julho do mesmo ano, do Rio Grande, que alude ao n. 9.



129

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Os primeiros jornaes do Rio-Grande do Sul

Mencionam os biographos de José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, entre os serviços por elle prestados ao Rio-Grande do Sul, de que foi o primeiro presidente, a in-

troducção da primeira typographia na antiga provincia. (*)
O Dr. Joaquim Manuel de Macedo, Sisson e o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro tambem se referiram ao mes-

mo facto.

A mais antiga typographia rio-grandense, de que conheço documentos incontestaveis, foi a estabelecida em Porto Alegre (1827) « pelos cuidados do Marquez de Barbacena ». (**)
O seguinte trecho de um officio de 23 de Janeiro de 1827,

dirigido por Barbacena ao conde de Lages, então ministro da guerra, deixa entrever que o marquez aguardava a remessa de uma typographia:

« P. S. — No boletim junto achará V. Ex. um resumo das operações do exercito e das noticias do inimigo Deveria ser impresso mas não é ainda chegado o prelo: Calei de proposito a minha força, assim como a do inimigo, que aliás consta dos meus officios, para que se pudesse mostrar o boletim a qualquer pessoa.»

Essa typographia tomou o nome de Rio-Grandense e della sahiu o primeiro jornal da provincia, o Diario de Porto Alegre, que appareceu antes de Julho de 1827.

Tenho copia de um officio de 31 de Julho desse anno, do presidente Salvador José Maciel ao ministro da guerra, no qual ha referencia ao Diario n. 46; e uma correspondencia de 14 de Julho do mesmo anno, do Rio Grande, que allude ao n. 9.

O Diario publicava os actos officiaes, e o presidente fiscalisava o que devia ser dado á publicidade, como se vê da Correspondencia do ouvidor interino da comarca, Candido Ladislau Japi

Assú, publicada na Astréa, do Rio de Janeiro:

« Como o meu inimigo capital e cruel perseguidor o Ex. Presidente desta Provincia o Sr. Brigadeiro graduado Salvador José Maciel, ordenou ao redactor do diario desta cidade não imprimisse coisa alguma a meu favor e até, que desmanchasse a composição de uma chapa que estava já prompta a imprimir verdades em meu abono, e elle Ex. seja o director della e seu Chefe censor, pois que sem o seu previo exame e consentimento nada se imprime,

^(*) V. o discurso do Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello na sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro de 15 de Julho de 1859; e o Elogio historico dos membros fallecidos do mesmo Instituto em 1848 por Manuel de Araujo Porto Alegre.

^(**) V. L'Echo de l'Amérique du Sud, do Rio de Janeiro, n. 28 de 5 de Outubro de 1827.

No outro trabalho de Tancredo Fernandes de Mello, "A imprensa do Rio Grande do Sul"33, ele prossegue descrevendo os periódicos, referindo-se a este ensaio de 1906, como uma continuidade em relação ao anterior, assim como anuncia a intenção de prosseguir o mesmo em outra edição, ao destacar que iniciara pela edição de 1905 (em verdade, 1901) do Almanaque um histórico-bibliográfico dos iornais grandenses, constituindo-se a publicação seguinte em uma continuação, a qual se seguiria o catálogo cronológico de todas as publicações periódicas. Segundo o escritor, seria provável que ele viesse a concluir no próximo ano um trabalho mais completo sobre o mesmo assunto, de modo que no seguinte Almanaque encerraria suas notas sobre o jornalismo riograndense³⁴.

O autor não chega, porém, a publicar essa terceira parte anunciada, mas deixa bem claro o tipo de abordagem que pretende apresentar, ou seja, um "sucinto histórico-bibliográfico", um "catálogo cronológico", ou ainda algumas "notas sobre o jornalismo". Nessa linha, ele arrola vinte e nove jornais (na maioria porto-alegrenses), destacando formato, preço, proprietários e, às vezes, o grupo político que o periódico declaradamente representava, mas sem qualquer aprofundamento explicativo. No ensaio não há nenhum critério metodológico para definir a inclusão

_

³³ MELLO, Tancredo Fernandes de. A imprensa do Rio Grande do Sul. In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1907*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. - Livraria Universal, 1906. p. 161-176.

³⁴ MELLO, 1906. p. 161 e 176.

desta ou daquela publicação em especial, ou ainda para delimitar cronologicamente o trabalho.



161

A Imprensa do Rio Grande do Sul

Iniciei pela edicção de 1905 do Almanach*) um succinto historico-bibliographico dos jornaes riograndenses, de que é este continuação. Seguir-se-á o catalogo chronologico de todas as publicações periodicas.**)

CORREIO DA LIBERDADE. — Umumdebet esse omnibus propositum, ut cademsit utilitas unius eujusque et universorum. — Cic. de Off. Lib. 1. — Subscreve-se a 48000 réis por semestre, sahirá todas as quartas feiras e sabbados de cada semana: folhas avulsas a 80 réis cada uma na Typ. deste Periodico, já indicada e na rua da Praia em casa do Sr. Joaquim de Souza n. 87.

Porto Alegre. Na Typ. do Correio da Liberdade. Rua do Cotovello n. 26. Proprietarios Manoel dos Passos Figuerôa & Cia. Formato 32 × 22. Passos Figuerôa, vulgo o Calchas, redigiu-o.

O n. 40 de 31 de Agosto de 1831, é o mais moderno que conheço, porém tenho noticias suas até Setembro. Sahia semanalmente.

O CON NENTINO. — Le seul bien de l'Etat fait sont ambition. — Il hait la Tyrannie, et la Rebellion. — Volt. — Henr., C. 4.

Subscreve-se para esta folha a 28000 por trimestre nas lojas dos Srs. Marcos Pradel, e Leonel Coelho da Silva, na rua da Praia; e nas mesmas Lojas se vendem numeros avulsos a 80 réis. Porto Alegre. Na Typ. do Continentino, Rua da Igreja n. 67. Bi-semanal. Formato 32×22 . Boa impressão.

Orgão de uma associação litteraria, que mantinha uma escola, de que era professor Manoel Martins da Silveira Lemos, e um gabinete de leitura.

Alfredo Rodrigues diz que a referida associação era secreta e «se apresentava publicamente como um simples gabinete de leitura.

Mais tarde essa sociedade secreta regularisou-se sob o regimen da maconaria, sendo reconhecida e admittida á

^{*)} O Almanach Popular Brasileiro para 1905, pags. 129 a 137.

^{**)} E' provavel que eu tenha concluido no proximo anno um trabalho mais completo sobre o mesmo assumpto, para o qual continuo a solicitar o auxilio da imprensa riograndense e de quem por elle se interesse.

A tendência geral de trabalhos descritivos sobre o jornalismo rio-grandense mantinha ao menos um certo cuidado e rigor ao lidar com as fontes de estudo, mas tal conduta não foi seguida por todos os autores. Nessa linha, os estudos históricos acerca da imprensa gaúcha desenvolvidos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX foram, em geral, entabulados por intelectuais que, mesmo sem formação histórica, tiveram consideráveis preocupações com o levantamento de fontes e documentos a respeito de seu tema de estudo. No entanto, alguns desses trabalhos revelaram os limites do diletantismo³⁵, com a publicação de escritos não tão preocupados com a pesquisa, os quais chegavam a apresentar graves erros nas informações prestadas. Nesse caso estiveram dois ensaios publicados por ocasião de obras divulgadoras e comemorativas do Estado do Rio Grande do Sul, de autoria de Alfredo Guimarães e Inocêncio Roméro.

Na publicação *O Estado do Rio Grande do Sul*, editada em 1916, aparece um sucinto trabalho sobre a imprensa gaúcha, escrito por Alfredo Guimarães³⁶. O

_

³⁵ O termo diletantismo é utilizado no mesmo sentido empregado por José Honório Rodrigues ao referir-se às limitações do "autodidatismo" nas pesquisas históricas. (RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil (introdução metodológica)*. 5.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978. p. 229.).

³⁶ GUIMARÃES, Alfredo. A imprensa do Rio Grande do Sul. In: *O Estado do Rio Grande do Sul*. Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomaz, 1916. p. 94-96. Essa obra sobre o Rio Grande do Sul visava a divulgar o estado, por considerar que o mesmo estava "esquecido" e era "ignorado", apresentando-se, desse modo, como um estudo que abrange as manifestações mais

autor pretendia estabelecer em rápidas palavras ditas ao correr da pena, um ligeiro resumo crítico desenvolvida imprensa rio-grandense³⁷, incluindo-a outros fatores que demarcavam "potencialidades" gaúchas de então. Para o escritor, o Rio Grande do Sul, não só no que respeitava à indústria e ao comércio, como também no que se referia à imprensa era um dos mais adiantados estados da União, já que, além de possuir um número verdadeiramente superior de periodistas notáveis, homens incontestável valor e competência nas lides publicismo nacional, os seus jornais eram ainda dirigidos dentro das normas estabelecidas da melhor moral e do mais sólido e inalterável critério³⁸.

Em um momento no qual as discussões a respeito do surgimento da imprensa rio-grandense já estavam sendo entabuladas há algum tempo, o autor comete um erro crasso ao afirmar que a "ação civilizadora" da imprensa no Rio Grande do Sul, datava de 1846 e, por conseguinte, havia setenta anos de distância que se

tangíveis da atividade local. Àqueles que o folheassem, mostraria a "potência desconhecida" deste estado, àqueles que o estudassem, revelaria uma "força poderosa" que pretende exteriorizar-se. Pretendia, enfim, promover uma intensa divulgação das riquezas deste "maravilhoso torrão gaúcho". (O Estado do Rio Grande do Sul. Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomaz, 1916. p.5.). Alfredo Mendes Guimarães era português de nascimento, atuando por muito tempo como jornalista em Porto Alegre, tendo dirigido a Última Hora, foi também teatrólogo. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 263.

³⁷ GUIMARÃES. p. 96.

³⁸ GUIMARÃES. p. 94.

espalhava através do vasto território rio-grandense³⁹. Desse modo, Guimarães simplesmente não leva em conta uma das fases mais importantes da imprensa gaúcha, a qual marcou suas origens, durante a fermentação, preparação, eclosão e desenvolvimento da guerra civil que marcou a vida gaúcha entre 1835 e 1845.

referir-se à imprensa das pequenas localidades, Guimarães destaca que a mesma estava em um caminho evolutivo rumo ao progresso, revelando o ideário positivista que permeou a própria obra O Estado do Rio Grande do Sul, a qual contou com amplo apoio institucional do governo gaúcho, inclusive pelo fato de que a publicação foi dedicada ao governador Borges de Medeiros. Nessa linha de pensamento, o autor explica que aquele jornalismo era um ensaio de periodismo ainda em botão, fechado e sem beleza alguma de progresso, e que só a poder de um aperfeiçoamento constante e superior, talvez do tempo, poderia um dia desabrochar e florir, logrando assim mais decidido alcance de sua tarefa educadora e concluindo finalmente pela conquista brilhante e deveras aplaudível do verdadeiro fim a que fazia jus⁴⁰.

Alfredo Guimarães dá destaque aos jornais das três principais cidades gaúchas de então - Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas -, os quais, segundo ele, rivalizavam com os melhores periódicos estrangeiros ou nacionais. Nesse sentido, aborda algumas das características das folhas dessas localidades, publicadas no ano da edição do trabalho. O autor aponta também para a importância dos homens de imprensa de então,

³⁹ GUIMARÃES. p. 94.

⁴⁰ GUIMARÃES. p. 94.

considerando-os como "talentos jornalísticos" de "primeira grandeza" e "vocações periodísticas verdadeiramente admiráveis". Diante de tal afirmação busca comprová-la através da listagem de uma série de nomes, encabeçada por Júlio de Castilhos, que eram "queridos e respeitados" do povo rio-grandense o qual, pelo muito que lhes devia, muito os admirava e aplaudia⁴¹, revelando, mais uma vez, o ideário castilhista-positivista que orientou a obra.

Desse modo, os escritos de Alfredo Guimarães foram mais ao encontro da ideia de um trabalho divulgador da imprensa, como uma das tantas "riquezas" gaúchas, do que realmente o pretendido "resumo crítico", ficando a sua abordagem histórica bastante limitada, notadamente acerca da falta de uma pesquisa mais apurada, ao menos com relação aos trabalhos já desenvolvidos a respeito da imprensa gaúcha. Servia, assim, esse ensaio como mais uma forma de propaganda dos "feitos" e "realizações" do castilhismo-borgismo na construção de um "estado modelo", no qual o número e a qualidade dos jornais trariam em si um demonstrativo de tais progressos.

Trecho do texto

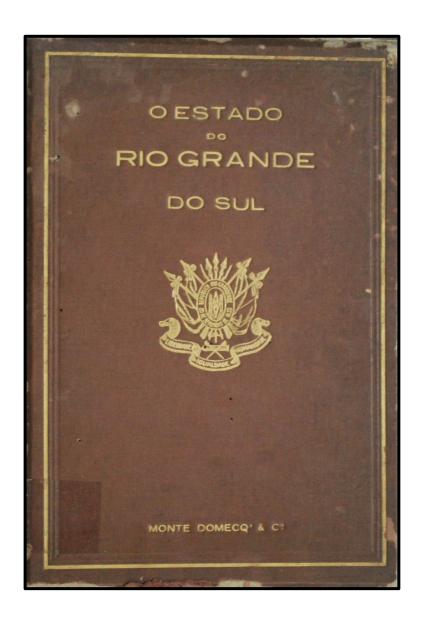
O Rio Grande do Sul, não só no que respeita à indústria e ao comércio, como também no que respeita à imprensa é um dos mais adiantados estados da União. Além de possuir um número verdadeiramente superior de periodistas notáveis, homens de incontestável valor e

_

⁴¹ GUIMARÃES. p. 96.

competência nas lides do publicismo nacional, os seus jornais são ainda dirigidos dentro das normas estabelecidas da melhor moral e do mais sólido e inalterável critério.

A sua ação civilizadora data de 1846 e, por conseguinte, a setenta anos de distância, sendo o seu início feito nessa data com o aparecimento em Porto Alegre do chamado então Correio dos Anúncios; e daí para cá, espalhando-se através do vasto território rio-grandense, essa mesma ação tem ido desde a capital do estado, onde os seus diários são notáveis, até a mais humilde vila da campanha, raro sendo hoje o município que não tenha o seu jornal - a "sua imprensa" - senão imparcial e independente, como condutora das informações e crítica do "meio", ao menos como órgão de propaganda no terreno da agitação política, como no relato simples e lacônico dos fatos sucedidos, que todo o bom rio-grandense sente atualmente necessidade crescente de a todo o instante compulsá-lo, por simples curiosidade ou precisão, atendendo destarte à sua bisbilhotice insatisfeita, do que lhe resulta um pequeno avanço na resumida cultura particular, é certo, mas que já muito promete para o futuro. Vai daí, multiplicando-se dia a dia (...). É certo não se poder afirmar, entretanto, que esse jornalismo de campanha seja o expoente máximo e porventura até, definitivo, da verdadeira imprensa rio-grandense. Ao contrário; – esse jornalismo será, quando muito, um ensaio do periodismo ainda em botão, fechado ainda e sem beleza alguma de progresso, e que só a poder dum aperfeiçoamento constante e superior, através do tempo, poderá um dia desabrochar e florir, logrando assim mais decidido alcance na sua tarefa educadora, e concluindo finalmente pela conquista brilhante e deveras aplaudível do verdadeiro fim a que faz jus.





A IMPRENSA DO RIO GRANDE DO SUL



Rio Grande do Sul, não só no que respeita à industria e ao commercio.

no que respeita à impresas de um dos mais adiantalos Estados da Unillo, Além de possuir um numero verdadeiramente superior de periodistas notaveis, homens d'incontestavel valor e competencia nas lides do publiciano nacional, os sesse jarnas es do inda dirigidos dentro das normas estabelecidas da melhor moral e do mais solido e inalteral e do mais solido e in

A sua acção civilisadors data de 1846 e, por conse guinte, a setenta annos de distancia, sendo o seu inicia feito nessa data com o apparecimento em Porto Alegredo chamado então «Correia do chamado então «Correia»



CALDAS JUNIOR & PUNDADOR DO «CORREIO DO POVO» E BRILLANTE POLESISTA

da politica local. E cerco al politica local. E cerco as polor affarara, entretas to, que esse jurnalismo de politica por esse jurnalismo de compaña esse permanismo de compaña esse permanismo de contratojo, e compaña esse prevante esta permanismo de contratojo, e compaña esse politica alguma de progresso de compaña e compaña



O NOSSO COLLABORADOR ALFERDO GUIMARÃES, DISTINCTO LITTERATO E JORNALISTA PORTUGUEZ

dos Anumericos e espalhando sea espalhando sea estravez do vasto rese da vasto do posto de la companio del la companio del la companio de la companio de la companio de la companio de la companio del la companio

no terceno da agitação política, com os no relato simpleo e faccolos em em pelos e faccolos escendidos que todo o bem entragaran de nas entralamente necesidade erresente de atodo o instanto com pelo al colo per a todo o instanto com pelo al co, per o previsão, attendendo desa transitado de la comperio de la colo perqueno avanço mrecenida cultora particular, é certo, ma que já minto processor de la color de la c



DE, MAURICIO CARDONO, DIRECTOR DE «A NOITE» E PROFESSOR DA PAULDADE LIVER DE DIRECTO DE PORTO ALBORE

Não é isso motivo, entretanto, para que dentro dessa mesma imprensa fulgurem talentos jornalisticos de primeira grandeza, vocações periodisticas verdadeiramente admiraveis, — e a prova está em que os nomes de Julio de Castilhos, Coelho Cavalcante, Caldas Junior, Pinto da Rocha, Ramiro Barcellos, Carlos Penafiel, Paulino de Azurenha, Emílio de Campos, Gomes da Silva, Zeferino Brazil, João Maia, Leonardo Truda, Emilio Kemp e tantos outros, são ainda hoje queridos e respeitados do povo riograndense que, pelo muito que lhes déve, muito os admira e applaude.

Que mais dizer?

Fica dest'arte traçado nestas linhas, e em rapidas palavras ditas ao correr da penna, um ligeiro resumo critico da dezenvolvida imprensa riograndense.

Abril de 1916.

Alfredo Guimaraes

tarde, em 1922, por ocasião das Mais do centenário da independência, comemorações Inocêncio Roméro publica o ensaio "A imprensa riograndense (breve resumo histórico)", na obra coletiva O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o Estado⁴². Em princípio, o autor destaca seu intento com aquele artigo, ao afirmar que lhe confiara o organizador da obra a tarefa, por sem dúvida superior às suas forças, de elaborar breve resumo histórico da imprensa sul-riograndense, desde os tempos que se tivesse notícias de suas primeiras manifestações. Diante de tal pedido, o escritor explica que, desejando corresponder a essa confiança, fizera de tudo o que lhe cabia no sentido de

-

⁴² ROMÉRO, Inocêncio. A imprensa rio-grandense (breve resumo histórico). In: COSTA, Alfredo R. da. O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o Estado. Porto Alegre, Globo, 1922. v.1. p. 135-148. Inocêncio Roméro (1887-1933) era natural de Santa Vitória do Palmar, foi advogado, jornalista e teatrólogo, sendo também o secretário da publicação da obra na qual estava seu trabalho sobre a imprensa. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 500-501. e VILLAS-BÔAS. p. 439. Alfredo Costa explica no "Prefácio", os objetivos da publicação de um completo estudo sobre o estado: organizando e publicando esta obra, tive como principal intuito mostrar o que é, na realidade, o Estado do Rio Grande do Sul, sob todos os aspectos, sendo levado a isso pelo justo orgulho de filho desta valorosa pátria farroupilha, cooperei, de certo modo, para que o nosso amado estado se apresentasse condignamente, no ano que assinala a emancipação política do Brasil; querendo dar maior realce e desenvolvimento à obra, recorri à colaboração de consagrados escritores, historiadores profissionais e técnicos que, com seus talentos e belas produções, abrilhantam as páginas desta obra. (COSTA, A. R. da. p. 5.).

coligir, sobre o assunto, a maior soma possível de detalhes, dados e informações de modo a trazer a lume uma síntese mais ou menos completa do que fora, e do que era, no Rio Grande, o chamado quarto poder do Estado⁴³.

Ao contrário da maior parte dos autores daquele período, que enalteciam os seus afanosos trabalhos de pesquisa, Roméro afirma que não se demorou muito a esquadrinhar arquivos, à cata de informações, exceção feita de uma coleção preciosa, mas resumida para o caso, de antiguíssimos periódicos, retida pelo organizador da obra. O autor destaca ainda que utilizara por fontes as obras anteriores, como as "copiosas notas" ministradas pelo "erudito colecionador" Tancredo Fernandes de Mello, além de informações de "historiadores" e "literatos". Assim, ele destaca que sua função tinha sido a de reunir detalhes, dispondo-os com a "harmonia relativa", em um conjunto que lhe fora possível apresentar⁴⁴, de maneira que já anuncia que seu objetivo não era muito diferente do que organizar um listagem de jornais. Em seguida, Inocêncio Roméro explica que aceitara a incumbência de escrever sobre a imprensa, tendo em vista o seu "conhecimento" do meio, devido à sua "condição de jornalista", profissão a qual, segundo o próprio, se dedicava com "devotamento", encarando-a como um "sacerdócio". O ensaísta, que demonstra afeiçoamento ao modelo castilhista-borgista, não perde a oportunidade de saudar os "ilustres" colegas de

-

⁴³ ROMÉRO. p. 135.

⁴⁴ ROMÉRO. p. 135. O autor assim resume sua intenção ao escrever: Coligi, metodizei, com rápidos comentários e eis tudo.

jornalismo falecidos, de acordo com o preceito positivista de que os vivos cada vez mais seriam governados pelos mortos⁴⁵.

O autor tece considerações sobre as origens da imprensa gaúcha, seguindo a linha de destacar os primeiros jornais rio-grandenses. Ele faz o arrolamento dos periódicos por cidade, como Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Rio Pardo, Santana do Livramento e Bagé, entre outras, escolhendo alguns, sem referir-se ao motivo da preferência, para descrever determinadas características. Da mesma forma, apresenta outra lista, com os jornais em circulação naquele ano de 1922, com referências especiais aos porto-alegrenses A Federação e Correio do Povo, aos riograndinos O Tempo e Eco do Sul e aos pelotenses Diário Popular e Opinião Pública.

Roméro reconhece certos limites no seu trabalho, representados por algumas "omissões", porém, considera-as "involuntárias", de acordo com o seu "compromisso" com a informação. Desse modo, assevera que aquela era a vida do jornalismo riograndense, apresentada em resumidas notas, desde os

_

⁴⁵ ROMÉRO. p. 135-136. Nessa linha, o escritor afirma: Aludindo aos sepulcros da *Via Appia*, disse historiador ilustre que o viandante que se dirigia para Roma, tinha, antes de chegar a esta, de lhe saudar os mortos ilustres, guardados naquela via. Eu, como aqueles viageiros, quero, antes de mais nada, render um preito de veneração à memória dos grandes paladinos da imprensa sul-rio-grandense arrebatados pela mão da morte. É a legião varonil dos precursores que passa rumo da imortalidade! Saudemo-la, com o respeito que merece e procuremos – pela glória e prestígio do Rio Grande – continuar a sua imperecível tradição.

primórdios da existência gaúcha, como elemento integrante da cultura brasileira. Ele admite que seria possível que muita coisa tivesse ficado por descrever no ligeiro resumo feito, mas procura garantir que não tivera, "em absoluto", intenção de omitir fatos, tendo sido seu maior interesse dizer tudo aquilo de que conseguisse informações a respeito do jornalismo sulino, desde os mais remotos tempos. Justifica finalmente que as omissões que pudessem ter havido seriam de "pequenos fatos", sem muita repercussão ou importância na vida do jornalismo rio-grandense⁴⁶.

Segundo o autor, as grandes dificuldades na realização daquele escrito advinham da carência de bibliotecas e arquivos. Afirma, porém, defendendo a ação dos governantes republicanos, que aquela situação vinha sendo resolvida graças às atitudes tomadas a partir da nova forma de governo, quando o Rio Grande do Sul teria recebido em seu pulmão o "sopro novo de vida", que lhe imprimira a república⁴⁷. Assim, ao buscar enaltecer a forma instalada a 15 de novembro de 1889, Roméro se contradiz, uma vez que aponta a falta de centros de pesquisa e, ao mesmo tempo, diz que o problema fora resolvido pela república, que, aquela época, já vigorava há mais de trinta anos.

O culto ao herói, às heranças da tradição e à ideia positivista de progresso também se fazem presentes na obra de Roméro. Para ele, o Rio Grande do Sul não vivia ensimesmado, senão no culto que rendia às imortais tradições de seus heróis, cujas ossadas por aí repousam, ao sol radioso do pampa, como um acúleo e um

⁴⁶ ROMÉRO. p. 148.

⁴⁷ ROMÉRO. p. 148.

ensinamento às modernas gerações. Nesse sentido, defende que no contexto sul-rio-grandense o jornalismo, as artes, as ciências, as belas letras, tudo, em suma, o que contendia com as forças criadoras e mesmo assimiladoras da alma humana, acompanhava o movimento evolutivo que se observava no mundo, formando o estado sulino, desse modo, ao lado dos que caminhavam, dos que avançavam, na senda do mais intenso progredir⁴⁸.

Inocêncio Roméro finaliza seus escritos enaltecendo a importância da imprensa naquele momento e a liberdade que a mesma vinha tendo com a república, revelando mais uma de suas contradições, tendo em vista o cerceamento que aquela atividade sofrera durante os primeiros governos republicanos e mesmo com as restrições que o jornalismo passaria a sofrer já nos anos vinte. O escritor busca também exaltar o estágio de progresso adquirido pelo Rio Grande do Sul republicano, servindo a imprensa como argumento para provar esta asseveração, afirmando que aquela era a "idade de ouro" do jornalismo gaúcho e que o porvir se anunciava "esplendoroso", como um céu desanuviado, no qual a estrela dos destinos brilhava firme49. Assim, refletindo a própria forma pela qual o autor é apresentado no livro, como "fluente orador", o que realmente Roméro faz é pronunciar, por escrito, uma declaração solene, com linguagem pomposa e frases de efeito, adotando uma abordagem que se aproxima muito mais do gênero "reportagem" do que realmente do "resumo histórico", por ele pretendido.

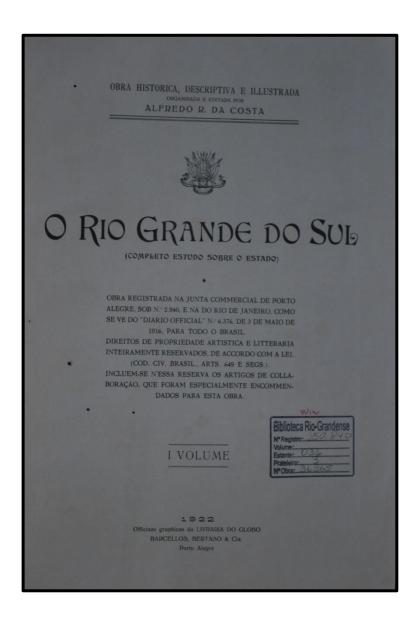
_

⁴⁸ ROMÉRO. p. 148.

⁴⁹ ROMÉRO. p. 148.

Trecho do texto

Confiou-me o organizador deste trabalho a tarefa, por sem dúvida bem superior às minhas forças, de elaborar breve resumo histórico da imprensa sul-rio-grandense, desde os tempos em que se possam ter notícias de suas primeiras manifestações. Desejando corresponder a essa confiança, fiz tudo o que em mim cabia no sentido de coligir, sobre esse assunto, a maior soma possível de detalhes, dados e informações de modo a trazer a lume uma síntese mais ou menos completa do que foi, e do que é, no Rio Grande, o chamado quarto poder do Estado, isto é, a imprensa. Antes de tudo, devo declarar, com a nenhuma vaidade que me é própria, que não me demorei muito a esquadrinhar arquivos à cata de informações, que me instruíssem, ou luzes, que me guiassem na senda, nem sempre clara, e isenta sinuosidades e barreias, que, como viageiro novo em terra estranha, ou, pelo menos, pouco conhecida dele, se me impusera, generosamente, o difícil, porém honroso dever de perlustrar. (...) Meu trabalho, em última análise, foi, somente, o de reunir detalhes a que já me referi, dispondo-os, com a harmonia relativa que se vê, no conjunto que me é permitido apresentar. Acerca dos diferentes aspectos que esse conjunto apresenta, nas fases várias de sua integração, e mesmo sobre outros pontos, que lhe não dizem, propriamente, respeito, mas o acompanham de perto, como consequências dele, entreteço, aqui, ali, acolá, meu comentário, sem, contudo, pretender dar a este trabalho, de todo em todo simples e modesto, o pomposo caráter de um estudo, para o que me não sobraria competência. Coligi, e metodizei, com rápidos comentários e eis tudo. Pouco dou, mas com amor, diz o doce versículo de Homero. Eu fiz aquilo que me foi possível; e, por isso, me sinto satisfeito. Outros com mais competência, fariam melhor trabalho. Ninguém, porém, certamente, me excederia no carinho com que tratei deste importante assunto.



A IMPRENSA RIO-GRANDENSE

(BREVE RESUMO HISTORICO)

por sem dur do organisador d'este trabulho a tarefa, por sem durida bem superior se minhas forças, d'eslabonar breve resumo historico sa imprensa sul-rio-grandesse, desd'os tempos em que se possam ter noticias de suas primeiras manifestacións. Teorismos primeiras manifestacións

promotivas manifestações. Desegia de confrações candidação de conflações cana conflaçõe, de conflações de modo a tranter a limes uma synthese mais tos mentos completa de que foi e de porto por foi entre completa de conflações de conflações de completa de completa de completa de conflações de completa de c

credo Fernandes de Mello, a quem devo a mór parte dos inflattenes que mé dando franceza nos que ne livena. Ao illustra historiador e nasigne libraria rit-grandenes entred John Amalia, mandado Maio, illustra historiador en nasigne libraria rit-grandenes entred John Amalia, maniferno devo a sumptio. Men trahadhe, em milima manipue, foi, seisente, o de rematir so detalhes a que glá me refer. Algoladio-os com a harmonia relativa que se vi, no conjunto que me permitido apresentar. A cerca dos differences aspectida que esse enclinato apresenta, nas planes varias de permitido apresentar. Acte aplanes varias de permitido apresentar a permitido aplanes de la manifesta de

ovec, é, por seu, me sinto satisfeito Outres, com mais competencia, farian melhor trabelho. Ninguem, poésa, reriamente, me excederia no carinho com que trate l'este importante assumpto. E isso pela ranko, deviras

> ocean de quel a par en paste momente firma d'emmagnation, de metilero filma d'emmagnation, de de confiança, que me deram, las comiticado-me de traque este engitudo, para obra de tio elevado sulto como o Die Grosside de Sul, surpe, tambem, a Implirac-me, a minimo condição de parasilates, acidas que dos mais modestras, com langua sanme de devistamento a tão molequillo abulos nacerdories. Se masses quillo abulos nacerdories. Se masses centras, como bem disso e ejatos inmortas. Do, perque a centraje, moternos. E. El alla o duglo interesso, que tornet, no desempenho de minima modela.

Alluditado aos sepulchero da Via Appia, disse historiador lliuter que o viandante que, proesdente que o viandante que, proesdente das alegres cidades da Campania se diregta pora Boma, tinha, antre de chegar a esta, de lhe saudar se mortos lliuteres, guardados viaquella via, feita de pape e de másmeres. En como aquellos riagninos, quere, antre de mais mais, reader un certio de vesenda é

memoria dos grandes paladitos de imprenas suberia grandenes arrelantado peia mão da norte. Bos preinte o unico que me é permittido predaz-Des a testa haraconsistirá en lhes citar os nomes atres de entrar na materia que constituie sete artigo. Es os nomes de que tanho tencentra no nomentos. Franciscos Peliti Archeda Cunha, Pedro e Alexandro Bernardino de Moura, Judo Perleo Caminha, Erinsto Alves, Judo Cancide Gomes, Carlos von Kosertz, Apolitario Petro Alegre, Astonico Jeaquin Días, Josepha Mercandro de Medicingo, Estarentos e articles de la composição de Arcela, Permando Goscila. Acredo e Sousa, Bernardino Charieta, Venancia Apres, Julio de Castillos, Trenciscio de Mensara, Badrigua de Soura, Emilio Valentin de Barrios, Carlos Lago, Moviera Cenar, Finercacio de Alexea, Escuberio de Camangorantos Handecher, Jolio Prancisco Medica, Gongalvos d'Almeida, Francisco Vicina Calibas Junice, Pudro Scopples Monore, Bagina Varier, Prancisco de Cimilar.



Interestria Sanaira, patter Freit capitale, Talvatres juvanileta via-grandenar, adragade, Caratr stados, paris e sectipias,

O REO GRANDE DO SEL

135

Desse modo, os escritos de Alfredo de Guimarães e Inocêncio Roméro demonstram as limitações do diletantismo na abordagem sobre a imprensa riograndense. Pouco preocupado com a pesquisa, como Roméro, ou cometendo erro grosseiro sobre a gênese do jornalismo gaúcho, caso de Guimarães, esses autores não seguiram o exemplo de boa parte dos estudiosos, daquele tema, seus contemporâneos. Apresentando textos eivados de chavões positivistas, como evolução e progresso e propondo o culto aos mortos, aos heróis e às tradições do passado, essas obras revelam a sua íntima ligação com o governo republicano rio-grandense-dosul, responsável direto ou indireto pelas suas edições. Identificando a imprensa como mais uma "potencialidades" que demonstrariam a pujança gaúcha, e não como atividade que servia à propagação de ideias sociais e econômicas e do debate político-partidário, os ensaios de Guimarães e Roméro serviram mais à divulgação e propaganda do Rio Grande do Sul castilhista-borgista do que realmente como um estudo de caráter histórico.

Mas as comemorações do centenário da independência brasileira seriam marcantes para a historiografia da imprensa gaúcha, havendo um novo fluxo de trabalhos acerca do tema. Nesse quadro, foi publicado o artigo "Gênese da imprensa no Rio Grande", de João Pio de Almeida⁵⁰, o qual se preocupa

-

⁵⁰ ALMEIDA, João Pio de. Gênese da imprensa no Rio Grande. A Federação. Porto Alegre: 7 set. 1922. p. 11-12. João Pio de Almeida (1896-1966) era natural de Uruguaiana, bacharel em Direito, foi promotor público, advogado, redator de A Federação, Procurador Fiscal do Estado, Diretor Geral da

com o estudo das origens da imprensa na província riograndense. Após rápidas apreciações sobre as tentativas de implantação da imprensa no Brasil Colonial e os consequentes fracassos, devido aos impedimentos metropolitanos, Pio de Almeida localiza os primórdios da imprensa rio-grandense junto às Missões Jesuíticas⁵¹.

Nesse artigo revela-se uma certa indefinição quanto ao objeto de estudo, não ficando evidenciado se o autor pretende localizar o primeiro prelo a realizar trabalhos tipográficos, o primeiro jornal a circular no Rio Grande do Sul, ou ambos. Mesmo assim, ele prossegue descrevendo as tentativas de implantação de uma tipografia por parte do Presidente João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, não levada a bom termo

Secretaria do Interior do Estado, Secretário da Fazenda do Estado e dirigiu a Livraria e Editora do Globo. Escreveu também "Borges de Medeiros: subsídios para o estudo de sua vida e sua obra". Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 27 e VILLAS-BÔAS. p. 22. A Federação circulou em Porto Alegre entre 1884 e 1937 e foi o mais importante jornal republicano sul-rio-grandense, vindo a transformar-se no órgão oficial do castilhismo-borgismo, regime que dominou o estado sulino durante praticamente toda a República Velha (ALVES, Francisco das Neves. A ruptura diplomática Brasil-Portugal ao final do século XIX na visão da imprensa governista rio-grandense-do-sul. Rio Grande: FURG, 2005).

⁵¹ Segundo o autor, os fatos que as dimensões de seu trabalho não permitem estudar nos seus detalhes, levam à crença não só de que existiu em terra do Rio Grande, em época anterior a qualquer tentativa nacional, a arte da impressão, como de que a matéria empregada pelos indígenas, na criação dos seus prelos, foi extraída do nosso próprio solo. (ALMEIDA, J.P. de. p. 11.)

devido ao afastamento do mesmo de seu cargo; bem como outra, realizada pelo visconde de Barbacena, Comandante-em-Chefe das forças imperiais no Rio Grande, que teria encomendado um prelo para expedir os boletins militares, sendo o mesmo perdido na Guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata.

Finalmente, aponta para a atuação do Brigadeiro Salvador José Maciel e a criação do primeiro jornal gaúcho, o Diário de Porto Alegre e revela um dos objetivos de seu texto - identificar o "fundador" da imprensa riograndense. Segundo o escritor, não se poderia considerar Barbacena nem como o fundador, nem como o imprensa no Rio Grande do Sul, introdutor da porquanto o seu prelo de campanha, de breve existência, passara apenas pelo território gaúcho sem deixar qualquer sinal de sua estada. Afirma assim que, investigando as origens da imprensa rio-grandense-dosul, na tentativa de esboçar a história do jornalismo sulino, do qual destacara aquelas notas, não encontrara documento que individualizasse, com segurança o verdadeiro fundador da arte tipográfica entre os gaúchos, mas que não seria injusto atribuir ao brigadeiro Salvador José Maciel a honra da fundação da imprensa no Rio Grande do Sul⁵².

Após tal identificação, o jornalista passa a descrever algumas das características do primeiro jornal, assim como a atuação dos tipógrafos e o surgimento de outro periódico, *O Amigo do Homem e da Pátria*. Sobre a formação da imprensa periódica no sul, Pio de Almeida defende a atuação dos governantes no esforço para dotar a província de um jornal, como também apoia a ideia de

⁵² ALMEIDA, J.P. de. p. 12.

que o Diário de Porto Alegre não era um jornal oficial, por não servir apenas para defender o governo, discordando, nesse aspecto, com a maioria dos historiadores. Assim, para ele, nada mais natural que o governo se armasse de um órgão de publicidade, como único meio hábil para corrigir e controlar os "excessos da opinião pública"53. Essa postura revelava a própria contingência da vida política e profissional do autor, funcionário público estadual e ligado ao jornal A Federação, sustentáculo ideológico e um dos meios utilizados para defender a manutenção do Partido Republicano Rio-Grandense no poder desde os primórdios da república. Desse modo, o escritor considera totalmente aceitável um jornal vinculado aos governantes para combater os "excessos" através da imprensa, ainda mais naquele momento de profunda contestação ao modelo castilhista-borgista, como foi o início dos anos vinte.

Trecho do texto

Não se pode considerar Barbacena nem como o fundador nem como o introdutor da imprensa no Rio Grande, porquanto o seu prelo de campanha, de breve existência, passou apenas pelo Estado sem deixar sequer sinal de sua passagem.

Investigando as origens da nossa imprensa, na tentativa de esboçar a história do jornalismo rio-grandense, de que destacamos estas notas, não encontramos documento que individualizasse, com segurança, o verdadeiro fundador da arte tipográfica entre nós. Não será injusto, porém, atribuir ao brigadeiro Salvador José Maciel a honra da fundação da imprensa no Rio Grande do Sul.

⁵³ ALMEIDA, J.P. de. p. 12.

Estes fatos que vimos referindo com o fim de mostrar o destino que teve o primeiro obreiro da nossa imprensa, valem também como índice do que foi o nosso jornalismo na primeira década da sua existência – período cheio de tormentas e de lutas tremendas.

De tudo quanto ficou exposto, resulta evidentemente, embora tenha havia a tentativa anterior de Saldanha, é a realização de Barbacena, o ano de 1827 corresponde ao estabelecimento da imprensa no Rio Grande, devida à iniciativa dos poderes públicos, que dela careciam.





Ainda por ocasião da passagem do centenário da independência, embora de forma um pouco tardia, Agostinho José Lourenço publica na *Federação*, em 1923, o artigo "Imprensa rio-grandense" 54, no qual o autor

⁵⁴ LOURENÇO, Agostinho José. Imprensa rio-grandense *A Federação*. Porto Alegre: 1º jan. 1923. O porto-alegrense Agostinho José Lourenço (1861-1945) realizou apenas estudos do "curso primário", foi aprendiz de ourives e tipógrafo, chegando a ser gerente de *A Federação*, além de guarda-livros da Casa de Correção de Porto Alegre e membro-benemérito da Biblioteca Rio-Grandense da cidade do Rio Grande. Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 321. e VILLAS-BÔAS. p. 283.

concentra seu estudo na capital sul-rio-grandense. Inicia o texto descrevendo o *Diário de Porto Alegre*, tendo em vista que, com o mesmo, teria sido fundada a imprensa no Rio Grande do Sul, e, em seguida, destaca algumas características tipográficas e editoriais deste e de alguns dos outros primitivos jornais gaúchos, bem como cita dados biográficos sobre alguns dos responsáveis ou funcionários dos periódicos.

O escritor estabelece um rol de títulos dos jornais, catalogando-os por anos ou períodos, entre 1834 e 1889, fazendo breves comentários sobre alguns deles. Dedica especial atenção aos progressos tipográficos jornalismo porto-alegrense, a partir de 1840 e aos jornais A Reforma e A Federação. A única referência que faz com relação à imprensa fora de Porto Alegre é apontar as localidades que primeiro tiveram jornais depois daquela, citando alguns poucos periódicos das cidades do Rio Grande e de Piratini, Caçapava, Alegrete, Pelotas, Jaguarão, São Gabriel, Rio Pardo, Uruguaiana e Cruz Alta. Lourenço finaliza o artigo explicando que o mesmo limitava-se a descrever os jornais até o advento da república, não tendo sido possível completá-lo, atingindo o ano do centenário da independência. Também revela o seu objetivo ao escrever sobre aquele assunto, ou seja, além de homenagear o centenário, o de enaltecer o crescimento do estado, apontando o progressivo estágio pelo qual passava a imprensa naquele ano de 1923, como reflexo do "adiantamento" do Rio Grande do Sul como um todo

Trecho do texto

Findam aqui estas notas, que alcançam, no tocante a Porto Alegre, a data do advento da república.

Por sua extensão não é possível levá-las até ao termo do ano de centenário da independência.

Acrescente-se, contudo, que a atualidade da imprensa rio-grandense é de franco progresso. Pode-se mesmo afirmar que alguns de seus diários não devem recear confronto com muitos da capital da União. Não há cidade ou vila que não tenha seu jornal. Novos paladinos vão dia a dia surgindo, a atestarem seu preparo material e intelectual o desenvolvimento do jornalismo gaúcho. Confirmam a asserção, entre outros, de aparecimento recente, o *Diário do Comércio*, de Bagé e *Jornal da Manhã*, de Pelotas, este impresso em máquina *Duplex*, americana, de grande tiragem, mesmo sistema de *A Federação*, mas a desta de fundição suíça.

Ainda há pouco, por ocasião do centenário, manifestando elevado grau de cultura, a imprensa do Rio Grande fez a comemoração da forma mais condigna. Seus órgãos na capital esmeraram-se, apresentando edições repletas de substanciosa matéria original. A de *A Federação* pode ser considerada invencível. E tudo isso reflete o adiantamento de nossa terra.



Imprensa rio-grandense

Com o apparecimento do Diario de Porto Alegra, em 1 de junho de 1827, funda-se, no Rio Grande do Sul, a imprensa jornalistica.

Redigido por José Ignacio da Cunha, sob a inspecção do presidente Salvador José Maciel, sae o periodico de modesta typographia estabelecida em uma dependencia do palacio do governo. Motiva sua publicação a necessidade da divulgação dos actos officiaes e noticias referentes á guerra que então la travada entre o Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata, da qual foi principal theatro o territorio rio-grandense.

O Diario vive cerca de um anno e é substituido, em julho de 1828. pelo O Constitucional Rio-Grandense, impresso na mesma typographia em que aquelle viera á luz. Redige-o Vicente Ferreira Gomes. Extingue-se em março de 1831.

Thomaz Ignacio da Silveira, associado a Claudio Dubreuil, typographo, que, com o impressor Estivalet, trabalhára no Diario de Porto Alegre, manda vir, da capital do apis, uma typographia, e della sae, em julho de 1829, o terceiro jornal rio-grandense - O Amigo do Homem, e da Patria.

Professor de linguas e de primeiras lettras, Silveira compuséra um Compendio arithmetico, que foi impresso na typographia do Diario de Porto Alegre, em 1827, talvez o primeiro livro editado no Ric Grande, sem contar com impressões feitas nas Missões.

Veem, depois, O Vigilante, publicado de janeiro de 1830 a março de 1831, redigido por José Appolinario Pereira de Moraes, e a Sentinella da Liberdade na quarita ao Norte da Barra do Rio Grande de S. Pedro, que apparece em 2 de março de 1830.

Em 1849, entra o jornalismo porto-alegrense em uma phase nova. As gazetas, que até então conservavam, mais ou menos, as dimensões de uma folha de papel almasso, augmentam o formato e comecam a apresentar em sua technica mais agradavel aspecto. Encaradas pela face intellectual, egualmente vão melhorando: variam-se os assumptos dos artigos de redacção, principia a apparecer o noticiario local, si bem que ainda muito pobre; procuram-se boas transcripções e ensaia-se a inserção, em folhetim, de romances ou chronicas.

Já não é pouco, attendendo-se a que até essa epocha não era cousa de extranhar encherem-se as quatro paginas de um periodico com um ou dois artigos, ou, o que é peor, com as celebres correspondencias, verdadeiros escoadouros de desabafos pessoaes.

Adoptando taes reformas, apresentam-se na arena o Correio de Porto Alegre, em 6 de junho, e O Mercantil, em 1 de dezembro do anno citado, mas ambos saindo apenas tres vezes por semana.

O primeiro teve curta existencia, porém o Mercantil, fundado por João José de Faria Villasboas, viveu até 1865.

Em 1851, já sob a direcção de José Candido Gomes, que pouco depois adquiria a propriedade da folha, passa a ser diario, apparecendo até nas segundas-feiras, no formato dos jornaes actualmente publicados na capital, mas em quatro paginas.

Candido Gomes, de notavel vocação para a vide de imprensa, com o mesmo gosto com que lançava o artigo de fundo, empunhava a penna para o humorismo do folhetim domingueiro.

No mesmo ano de 1923, Augusto Porto Alegre leva a público o pequeno ensaio "A imprensa jornalística do Rio Grande do Sul"55. Apesar do título amplo, o trabalho se resume a tratar do jornal Diário de Porto Alegre, apresentando questões sobre a sua fundação, algumas características tipográficas e o caráter oficial do periódico. O autor busca demonstrar certo ineditismo a respeito do objeto que estuda, ao declarar que a existência do Diário de Porto Alegre passara até bem pouco tempo, quase completamente ignorada do mundo ledor de antigualhas e até mesmo de investigadores competentes da história gaúcha⁵⁶. Ao citar "investigadores competentes", Augusto Porto Alegre está se referindo às "Notas" de Alfredo Ferreira Rodrigues, nas quais não consta aquela folha, porém, as novidades sobre o assunto enfocado ficavam limitadas a tal aspecto, uma vez que o Diário de Porto Alegre vinha

⁵⁵ PORTO ALEGRE, Augusto. A imprensa jornalística do Rio Grande do Sul. In: *Anuário Indicador do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1923 (quarta série). p. 184-187. O porto-alegrense Augusto Guerreiro Porto Alegre (1871-1947) cursou Filosofia e foi funcionário do Ministério da Viação, organizou e dirigiu o *Almanaque Enciclopédico Rio-Grandense*; jornalista, pesquisador e memorialista, foi redator de diversos jornais em Porto Alegre e São Paulo, pertenceu à Academia de Letras do Rio Grande do Sul e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Entre seus escritos, pode-se destacar: "A fundação de Porto Alegre", "Biblioteca Restauradora do Rio Grande do Sul", "A defesa da Alemanha e dos alemães do sul do Brasil", "Dom João VI no Brasil" e "Fases da literatura sul-rio-grandense". Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 455-456. e VILLAS-BÔAS. p. 395-396.

⁵⁶ PORTO ALEGRE. p. 187.

sendo apresentado ao "mundo ledor de antigualhas" por uma série de outros autores, em escritos anteriores a este de 1923.

As comemorações do centenário da Revolução Farroupilha e do bicentenário da fundação do Rio Grande também trariam ao público alguns ensaios sobre o jornalismo rio-grandense, os quais estiveram mais diretamente enraizados nas premissas do discurso historiográfico oficial. Dentre os trabalhos que melhor se enquadraram nas características daquele discurso historiográfico estiveram os escritos por Aurélio Porto sobre as origens da imprensa gaúcha. Essas obras, no entanto, apresentam uma significativa diferença quanto às demais, uma vez que, nelas, o autor não se limita a descrever a postura política de cada um dos jornais abordados, optando por assumir uma posição diante das partes em conflito à época da Revolução de 1835-1845, manifestando-se de modo favorável aos rebeldes.

Um desses estudos de Porto, publicado em 1934, versava sobe os jornais gaúchos editados entre 1827 e 1837⁵⁷, sendo editado junto às *Publicações do Arquivo*

⁵⁷ PORTO, Aurélio. Jornais publicados no Rio Grande do Sul de 1827 a 1837. In: CAVALCANTI, João Alcides Bezerra (dir.). *Publicações do Arquivo* Nacional. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1934. v. 30. p. 319-367. O historiador gaúcho Aurélio Afonso Porto (1879-1945), nascido em Cachoeira do Sul, era funcionário público federal. Foi diretor e redator de diversos jornais, co-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, membro da Academia Rio-Grandense de Letras, do Instituto Rio-Grandense de Estudos Genealógicos e da Academia Nacional de História, romancista, poeta, historiador, genealogista, teatrólogo, ensaísta e jornalista. Também atuou como Diretor

*Nacional*⁵⁸. No ensaio o autor define seu objetivo de trabalho, afirmando que o fito principal daquele

do Tesouro do Estado, Intendente Municipal de Montenegro e Garibaldi e Diretor dos Anais do Ministério das Relações Exteriores. Dentre seus trabalhos pode-se destacar: "A conquista das Missões", "Real Feitoria do Linho-Cânhamo", "O Regimento dos Dragões do Rio Pardo", "Notas ao Processo dos Farrapos", "O trabalho alemão no Rio Grande do Sul", "Documentos do Itamarati sobre a Revolução de 1835", "Getúlio Vargas à luz da genealogia", "História das Missões Orientais e seus antigos domínios" e "Processo dos Farrapos: reabilitação de Bento Gonçalves". Dados obtidos a partir de: LAYTANO, Dante de. Manual de fontes bibliográficas para o estudo da História Geral do Rio Grande do Sul: levantamento crítico. Porto Alegre: Gabinete de Pesquisa de História do Rio Grande do Sul, IFCH-UFRGRS, 1979. p. 74-76.; MARTINS. p. 447-448.; e VILLAS-BÔAS. p. 388-391.

⁵⁸ Tal edição do Arquivo Nacional definia em seu primeiro volume a intenção de divulgar seu acervo, levando à luz pública catálogos, índices, documentos inéditos e notícias de papeis de interesse histórico. (PORTELLA, Joaquim Pires Machado. Prefácio. In: DORIA, Luiz Gastão d'Escragnolle (dir.). Publicações do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1922. v. 1. p. 319-367.) Quanto aos números específicos dedicados à Revolução Farroupilha, o diretor do volume, que contou com o auxílio do próprio Aurélio Porto na empreitada editorial, veio a expressar o escopo da obra em plena consonância com os princípios do historiográfico oficial, explicitando discurso proximidade do centenário do evento motivara a publicação dos documentos referentes à "revolução democrática de 1835". Afirmava ainda que a estampa dos documentos riograndenses daquela "década memorável" fora realizada pela "necessidade de esclarecer a história pátria nos seus momentos decisivos" e também para "redimir aqueles

"esboço" era mais estudar os homens da imprensa, suas ligações pessoais, sua origens, entre outros aspectos. Nesse artigo, Porto pretende realizar um estudo acerca dos estabelecimentos gráficos e dos jornalistas riograndenses⁵⁹ daquele período, citando trinta e cinco jornais porto-alegrenses, cinco rio-grandinos e três da República Rio-Grandense, descrevendo as atividades das diversas tipografias que atuaram durante a primeira década do jornalismo gaúcho. Segundo Aurélio Porto faltava ainda uma obra "definitiva" que descrevesse as atividades jornalísticas praticadas no Rio Grande do Sul, afirmando que não existia até então um trabalho cabal sobre a imprensa rio-grandense, uma vez que vários estudiosos das "cousas" rio-grandenses procuraram coligir elementos nos arquivos nacionais, conseguindo publicar notas esparsas, mas deficientes devido à falta de

denodados patriotas da pecha de separatistas e maus brasileiros", imposta por historiadores que, "insuficientemente informados", pretendiam irrogar àqueles. Assim, a edição teria uma "dupla finalidade", ou seja, o "interesse científico de ressuscitar o passado com os elementos documentais que nos legou" e o "tributo de uma homenagem nacional aos fortes e dignos brasileiros de 1835 que sonharam com as duas grandes realidades de hoje - a federação e a república". O mesmo editor que também organizou o volume que continha o trabalho de Porto sobre a imprensa gaúcha, afirmava ainda que, passado um século dos acontecimentos do "decênio memorável, só há motivos para os seus feitos não serem esquecidos". (BEZERRA, Alcides. Prefácio. In: CAVALCANTI, João Alcides Bezerra (dir.). Publicações do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1933. v. 29. p. iii e iv.; e 1934. v. 30, p. vi.).

⁵⁹ PORTO, 1934. p. 320.

notícias e coleções dos primeiros jornais gaúchos. O encerramento do texto constituía verdadeira ode ao propalado heroísmo e à brasilidade dos gaúchos⁶⁰. O conteúdo deste trabalho apresentado nas Publicações do Arquivo Nacional seria publicado na forma de separata em um livreto editado no mesmo ano e com conteúdo e dados editoriais idênticos.

Trecho do texto

Não existe ainda um trabalho definitivo sobre a imprensa rio-grandense. Vários estudiosos das nossas cousas procuraram coligir elementos nos arquivos nacionais, conseguindo publicar notas esparsas, mas deficientes, devido à falta de notícias e coleções dos nossos primeiros jornais. Entre os estudos mais interessantes convém ressaltar os de Alfredo Ferreira Rodrigues, coronel Tancredo Fernandes de Mello, uma contribuição para a História da imprensa riograndense, escrita por Vitor Silva para o centenário da Imprensa Nacional, perdida não sabemos por onde, e um estudo de grandes proporções, ainda inédito, de Augusto Porto Alegre, residente nesta capital, e cuja publicação preencherá essa grande lacuna da história rio-grandense.

Coletamos, também, durante alguns anos, em afanosas pesquisas, notas para o esboço de um catálogo da imprensa no Rio Grande. Conseguiríamos já quase um milhar de títulos de jornais ali publicados, no primeiro século de atividade jornalística, e confiamos esses dados a amigo estudioso do assunto, que a morte surpreendeu em plena atividade e, assim, perdemos todo esse copioso material.

Haverá, provavelmente, alguma deficiência na relação de periódicos do primeiro decênio do estabelecimento da imprensa gaúcha, que adiante inserimos, e que consta dos

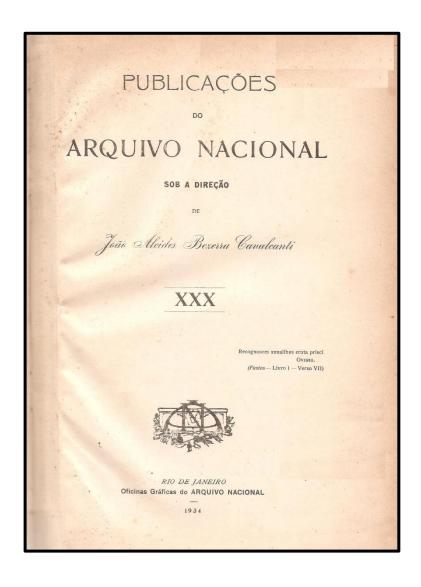
⁶⁰ PORTO, 1934. p. 319 e 366-367.

trabalhos de Alfredo Rodrigues e Tancredo de Mello, com pequeno aumento de pesquisas próprias. Mas, como o fito principal deste esboço é mais estudar os homens da imprensa, suas ligações pessoais, suas origens, etc. suprirão perfeitamente as lacunas existentes, outros elementos inéditos que aqui deixaremos para um estudo mais completo sobre os estabelecimentos gráficos e os jornalistas rio-grandenses. (...)

Admirável o ideal que congregava, numa só aspiração de liberdade, homens de diversas pátrias no livre torrão gaúcho, onde a consciência cívica alvorecera, desde os primeiros embates das lutas, na estremadura longínqua. Fronteiros audazes, depois de gizar com o próprio sangue as lindes extremas e integrar aos destinos da nacionalidade vastos territórios, que souberam conservar, engrandecendo-os, ainda mais, pelo trabalho, não os satisfazia ainda essa grandeza, porque, nas livres estepes, eram o *monarca das coxilhas*, os plasmadores de uma nova fase institucional, com a qual não condiziam os estreitos limites políticos em que se agitavam. (...)

E, irradiando pelo país inteiro, esse esforço que não seria perdido (...) esse sonho, que se tornaria real, havia de ficar, marcante no tempo, como a maior das afirmações da própria brasilidade de um povo que, tentando destruir um Império, para inaugurar o regime da democracia, depois de lutar dez anos, submetia-se a esse mesmo Império, porque acima das instituições colocava a unidade, a grandeza, a honra da pátria comum.

E foi a imprensa, seus homens sacrificados por uma idealidade elevada; suas lutas tenazes e, às vezes violentas; as suas prédicas doutrinárias; o desassombro das suas opiniões, – foi a imprensa que amoldou e formou esses espírito eminentemente democrático, e essa luminosa consciência cívica e nacionalista que vem, através de um século, guiando os rio-grandenses pelo caminho das reivindicações sociais e políticas que honram as tradições do pago admirável e orgulham sobremodo os homens que lá nasceram.



- 319 -

Salazar, filha do capitão Custódio de Souza Salazar, referido tambem neste "Processo". Bento Luiz Ribeiro e Justiniano José Ribeiro, naturais de Minas, sendo o último casado com Candida Meireles, filha do tenente-coronel Antônio Gonçalves Meireles, irmão de Perpétua Maria de Meireles, mãe do coronel Bento Gonçalves. Reginaldo Silvestre Ribeiro, casado com Teodora Candida de Meireles, irmã de Candida, mulher de Justiniano. Candida Ribeiro da Cunha, casada com José Vieira da Cunha. Maria Reginalda, Rita e Cesaria, solteiras em 1831. Vitorino José Ribeiro foi casado com Ana Emilia Sampaio Ribeiro, filha do marechal Antônio Manuel da Silveira Sampaio, já viuva do coronel José Luiz Mena Barreto, morto no combate do Rincão das Galinhas em 1826, que deixou três filhos: João Sabino, Maria Camila, casada com o coronel Pedro Alvares Cabral da Silveira Godolfim e Antônio Vitor Mena Barreto. O general José Luiz, e o coronel Jose Joaquim Mena Barreto eram filhos naturais do coronel José Luiz. Teve Ana Emilia do seu segundo matrimônio com Vitorino José Ribeiro seis filhos: Maria José Sampaio Ribeiro, que casou com o dr. J. Teixeira, pais de Mucio Teixeira, o Barão Ergonte; José Maria Sampaio Ribeiro; Engenheiro Cincinato Herculano Sampaio Ribeiro; general Frederico Solon Sampaio Ribeiro; Amelia Guilhermina que casou com Gaspar Francisco, filho do marechal Gaspar Francisco Mena Barreto e Eudoxia Sampaio Ribeiro, que casou com Ovidio Damasceno Ferreira.

Pag. 135 — O COLONO ALEMÃO — Não obstante ter sido redatado em português, é êsse jornal o pioneiro da imprensa alemã, no Brasil, e um dos órgãos destacados dos farroupilhas riograndeses. E' a seguinte, em suas linhas gerais, a historia da fundação da imprensa, no Rio Grande do Sul e seu desdobramento no primeiro decênio de propaganda do liberalismo.

Jornais publicados no Rio Grande do Sul de 1827 a 1837.

Não existe ainda um trabalho difinitivo sôbre a imprensa riograndense. Vários estudiosos das nossas cousas procuraram coligir elementos nos arquivos nacionais, conseguindo publicar notas esparsas, mas, deficientes, devido a falta de notícias e coleções dos nossos primeiros jornais. Entre os estudos mais interessantes



Parte do conteúdo do artigo escrito pelo autor em 1934 seria reproduzida e ampliada, mormente quanto às primeiras tipografias gaúchas, em outro trabalho de Aurélio Porto – "Fundação da imprensa rio-grandense" – publicado na edição especial *Terra Farroupilha*, de 193761. Nesse escrito, o autor preocupa-se com os primeiros tempos da imprensa do Rio Grande do Sul, organizando o texto por tipografias, descrevendo as atividades, os responsáveis e os jornais elaborados na "Tipografia Imperial do Exército", na "Rio-Grandense", na "de Silveira & Dubreuil", na "de Manuel dos Passos Figueirôa", na "de Fonseca & Comp.", na "de V.F. de Andrade" e na "de J. Girard", além de dois tópicos sobre os "jornais sem designação de origem" e a "imprensa no Rio Grande".

Em princípio, Aurélio Porto dedica-se à controvertida discussão dos acontecimentos que cercaram a introdução do primeiro prelo na província, buscando apontar o responsável por essa ação e, após expor os prós e contras, quanto à realização dessa tarefa, toma posição, declarando que poderia ser que as pesquisas que ainda estava fazendo no Arquivo Nacional viessem a esclarecer tal "enigma". Na mesma

⁶¹ PORTO, Aurélio. Fundação da imprensa rio-grandense. In: *Terra farroupilha*. Porto Alegre: [s.n.], 1937. p. 216-236. Quanto à obra *Terra Farroupilha*, ela foi publicada no intento de comemorar o segundo centenário da fundação do Rio Grande do Sul (1737-1937), tendo sido coordenada pelo próprio Aurélio Porto, que também escreveu boa parte dos artigos. Os diretores destacavam que seu objetivo com aquela edição era o de cumprir o compromisso assumido de dotar as nossas letras de um trabalho digno da cultura do nosso povo e das nossas tradições inigualáveis.

linha, afirma que, enquanto não se tivesse documentos mais precisos, preferia, como Trancredo de Mello e Augusto Porto Alegre, *incorrer no mesmo engano*, afirmando que a Tipografia do *Diário de Porto Alegre* é a mesma do Exército do Sul, confiada a Barbacena⁶².

Dessa forma, o autor demonstra a grande preocupação com os documentos, com os quais, pela sua própria função profissional à época, ele teve amplo contato. Além disso, ao aceitar a postura de Tancredo de Mello e Augusto Porto Alegre, utiliza a expressão "incorrer no mesmo engano", fazendo referência indireta ao trabalho de João Pio de Almeida. discordando do mesmo. Já quanto à origem da imprensa periódica propriamente dita, Aurélio Porto refuta a possibilidade da mesma ter sido iniciada pelo visconde de São Leopoldo, faz referência à tentativa de João Carlos de Saldanha e Oliveira Daun, mas aponta o Presidente da Província, Salvador José Maciel, como o "fundador" da imprensa no Rio Grande do Sul, através do Diário de Porto Alegre, jornal considerado como de cunho oficial, manifestando os interesses daquele governante. A partir daí, o autor passa a descrever cada um dos jornais publicados nas respectivas tipografias que constituem as subdivisões de seu texto.

Com exceção da última parte do trabalho, Aurélio Porto restringe sua abordagem aos jornais portoalegrenses e, além de descrevê-los em suas características formais e destacar dados biográficos de seus responsáveis, busca apontar também a posição partidária de cada um, classificando-os, de modo geral, em rebeldes ou legalistas. De acordo com tal perspectiva,

⁶² PORTO, 1937. p. 217.

o autor revela algumas de suas convicções pessoais, adotando uma postura amplamente favorável aos farroupilhas. Para ele, os conflitos contra os platinos nos quais os gaúchos haviam tomado parte, e, notadamente, a Revolução Farroupilha teriam servido para formar a "consciência coletiva", os valores e o "civismo" dos riograndenses.

Nessa linha, Porto explica que se formara no extremo sul, uma "consciência coletiva" de um povo que, criado aos embates seculares da luta, compreendera o valor das reivindicações liberais, e fora, aos poucos, singularizando-se pela "força incoercível das suas convicções", alicerçadas no apego ao pago, cujas fronteiras gizara à ponta de lança e a traços do "generoso sangue". Ainda sobre a época em questão, afirma que a mesma fora um período intenso de agitação partidária e jornalística, quando se formaram profundas convicções que solidificaram as raízes do liberalismo rio-grandense, atuando fortemente nos espíritos, bem como foram forjados nessa hora – que ainda não teria sido estudada com a detença precisa – os destinos predeterminantes do "civismo gaúcho"63.

De acordo com esses preceitos, Aurélio Porto dá uma forma de tratamento diferenciada a cada uma das vertentes partidárias que marcavam o seu objeto de estudo, defendendo e elogiando os periódicos ligados ao "liberalismo" dos rebeldes e hostilizando os demais, vinculados aos legalistas. É assim que ele utiliza expressões como "formidável espírito de combatividade nacionalista", "valente jornalista", "soberbo e magistral artigo" e utilização de linguagem que "caía como uma

⁶³ PORTO, 1937. p. 218 e 235.

clava sobre a cabeça dos caramurus", para qualificar a atuação de jornais e jornalistas pró-farroupilhas. No mesmo sentido, enaltece os jornais que pregavam a "redenção do Brasil" através da revolução. Em contrapartida, "francamente retrógrado", "caramuru violento e ferrenho", "intrigante, valendo-se do jornal para dividir os homens", "só procurava cizânia entre todos, sem defender princípios", "linguagem violenta, desabrida, atirando aos adversários os maiores doestos" e "causava profunda indignação nos meios políticos" são algumas das expressões usadas pelo autor para referir-se aos inimigos da revolução⁶⁴.

Outro princípio defendido por Aurélio Porto em diversas de suas obras, também manifesto nessa sobre a imprensa, refere-se ao predomínio de uma brasilidade tanto no processo de formação histórica do Rio Grande do Sul, quanto na preparação e deflagração do movimento de 183565. Assim, ele relega a um plano

⁶⁴ PORTO, 1937. p. 221, 222, 224, 226, 227, 229, 233 e 234.

⁶⁵ Sobre esse aspecto, Ieda Gutfreind, referindo-se a Aurélio Porto, afirma que suas atividades no campo da história representaram o lançamento do processo de construção do discurso histórico que criava uma identidade lusitana para o Rio Grande do Sul e insistia na existência de sentimentos brasileiros no estado. Ao discurso político da década de vinte, que depositava esperanças no futuro do estado no comando nacional, agregava-se o discurso histórico que patenteava a nacionalidade brasileira dos gaúchos. Na mesma linha, a autora prossegue: enfim, o mais longo movimento revolucionário do Império, deflagrado na província sulina, emergia para a história como nacional, brasileiro, defensor da república e da federação. Seus líderes foram reabilitados perante a história. Desfazia-se a imagem que os aproximava

inferior a influência estrangeira na "construção" do Rio Grande do Sul e aproveita sua abordagem da imprensa para corroborar sua tese, destacando o trabalho realizado pelos primeiros jornalistas rio-grandenses em favor da revolução, como um dos mais importantes nascedouros essencialmente nacionais do ideário rebelde⁶⁶.

No ensaio "Fundação da imprensa riograndense" o autor centra sua narração no papel do indivíduo, de modo que, muitas vezes, a história de um jornal, como objeto de análise, se confunde com a história da vida do responsável pelo mesmo. Nesse tipo

dos interesses do Prata. O sentimento de nacionalidade prevaleceu, e o momento mais significativo foi o da aceitação da paz, segundo Aurélio Porto, pois comprovava os sentimentos de brasilidade dos rio-grandenses. (GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992. p. 37 e 45.).

66 PORTO, 1937. p. 221 e 231. De acordo com o autor: Tem-se dito e repetido, sem focar com precisão devida, o fenômeno sociológico da Grande Revolução, que esta tem por agentes a cultura, os ideais e a pregação prática de alguns estrangeiros. Erro crassíssimo de apreciação. Os pregadores da república, ideal latente na alma coletiva do Rio Grande, são esses que precedem qualquer influência estranha, espalhando o fogo sagrado que se tornará incêndio no decênio memorável. E, à frente deles, rompendo preconceitos, lutando, sofrendo, inspirados por uma superior destinação histórica, os jornalistas rio-grandenses são os rastreadores desse espírito, já formado, quando os estrangeiros vêm prestar ao Rio Grande tonificantes estímulos para a luta. Convém frisar, mais uma vez, que a ideia republicana estava latente, há muito, na consciência dos continentinos, muito antes da influência de estrangeiros.

de enfoque, torna-se preponderante a ação do homem como indivíduo e não como elemento de uma sociedade. Como exemplo, pode-se observar a forma pela qual o escritor se refere a um determinado jornalista, ao afirmar que seria interessante e merecedora de estudo mais detido a vida de um "lutador" que fundara, depois de várias vicissitudes como profissional, a imprensa riograndense e, durante um quarto de século, já jornalista, agitado e violento, na sua combatividade extraordinária, projetara-se na história do Rio Grande, como veiculador das paixões políticas da época, tomando parte nos acontecimentos mais notáveis que determinam o deflagrar da "Grande Revolução" 67.

Vindo ao encontro dessa tendência de privilegiar o papel do indivíduo na construção histórica, o autor preocupa-se, em certos casos, com a elaboração de estudos genealógicos sobre alguns dos "jornalistas" enfocados, como ao afirmar a respeito de um deles – vinha desses "troncos heroicos" que defenderam com o próprio sangue a integridade territorial do Brasil na sua estremadura meridional, descrevendo a "linhagem" do mesmo⁶⁸. Não se pode negar a importância desses

⁶⁷ PORTO, 1937. p. 230.

⁶⁸ PORTO, 1937. p. 232. A genealogia era uma das especialidades de Aurélio Porto e ele busca demonstrar isso também neste trabalho sobre a imprensa, às vezes longamente. O exemplo seguinte demonstra o quanto o autor deixa de lado seu objeto primordial de estudo, quando descreve a linhagem ascendente e descendente de Manuel dos Passos Figueirôa: Temos como provável que Passos Figueirôa venha do tronco Souza Fernando, de que procedem também os Marques de Souza, povoadores primitivos da Colônia do Sacramento. Uma filha de Antônio de Souza Fernando e Apolinária de

estudos, porém, em um trabalho sobre a imprensa, eles podem ter um caráter complementar, mas, em algumas partes do texto de Aurélio Porto, a genealogia deixa de ser um meio para se tornar a finalidade da pesquisa.

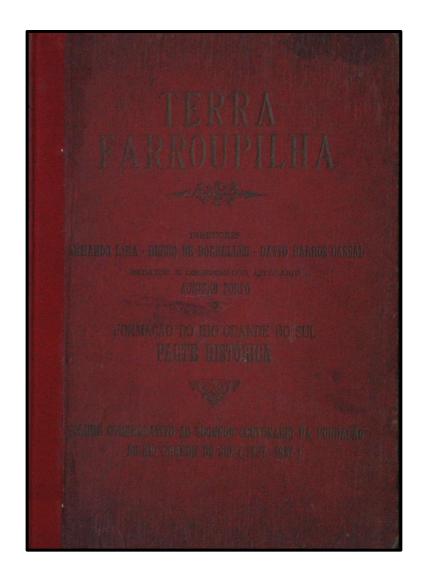
Oliveira - Tereza Antônia de Souza, foi casada com Francisco Manuel da Costa Souza e Távora, filho do fidalgo João de Távora, desbravador do Continente com Cristóvão Pereira. Teve o casal, entre outros filhos, a Maria Joaquina de Souza, casada com o tenente dos dragões Antônio Borges Figueirôa, que, em 1768, estava preso na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, pela entrega de Santa Tereza quando servia às ordens do coronel Tomaz Luis Osório. Outro filho de Francisco Manuel, Tomaz José da Costa e Souza, cavaleiro fidalgo da Casa Real, foi casado com Ana Joaquina da Costa e Souza, de origem açoriana e foram pais de: a) Joana Matilde de Figueiredo que casou com o general Francisco Chagas Santos, sendo pais de Francisca Cândida, que casou com o conselheiro Manuel Felizardo de Souza e Mello e de Ana Matilde, casada com seu primo conselheiro Cândido Batista de Oliveira, do mesmo tronco Souza Fernando. Outro filho de Tomaz José, o major Sebastião José de Figueiredo, casou com Maria Angélica Barbosa, sendo pais de Lisbela, casada com Tomaz Hipólito Fernandes Passos. Manuel dos Passos Figueirôa, que adotou o nome do tio-avô materno, deve ser filho desse casal. Teve Manuel dos Passos três filhos: Manuel dos Passos Figueirôa, que faleceu em Porto Alegre, 1/1/1871, de que foi filho um oficial do Exército do mesmo nome José dos Passos Figueirôa, engenheiro, residente no Rio, que foi lente da Escola Politécnica e Amália dos Passos Figueirôa, notável poetisa riograndense que publicou no Rio, onde viveu algum tempo, um livro de versos, Crepúsculos, recebido com aplausos por toda a imprensa do Brasil, Amália que nasceu em Porto Alegre, em 31de agosto de 1848, faleceu na mesma cidade, em 24 de setembro de 1878. (PORTO, 1937. p. 230.).

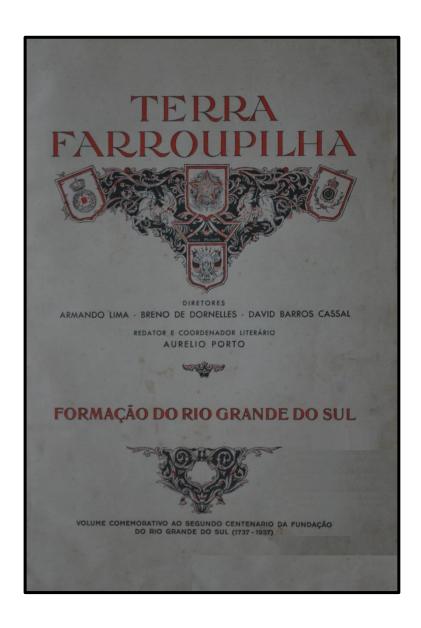
Finalmente, é o próprio autor quem admite a primazia do papel do indivíduo no seu estudo, ao definir o propósito do seu trabalho, declarando que bastavam aquelas citações, já que elas davam uma precisa ideia dos homens e pensamento daquela idade. Defendo suas convicções, Porto referia-se aos jornalistas responsáveis pelas folhas rebeldes como homens guiados pelos princípios que vinham alvorecendo no mundo, de modo que teriam sido os "plasmadores da consciência nova". Diante disso, o escritor conclui que era exatamente aquilo que desejava acentuar naquele ligeiro "bosquejo histórico" em que estudara os homens que fundaram a imprensa no Rio Grande⁶⁹.

Aurélio Porto entabulou, assim, um trabalho predominantemente descritivo, coerentemente com a tendência historiográfica de então, e, ao descrever os jornais, o autor apresenta um estudo minucioso e rico em informações sobre os mesmos. Centrando sua narração no papel dos indivíduos, o escritor expressa nesse artigo em particular algumas das ideias que permearam o conjunto de suas obras, como a defesa da na formação histórica rio-grandense, brasilidade mormente a respeito da Revolução Farroupilha. Ao identificar os grupos políticos em disputa à época do movimento de 1835, a abordagem de Porto caracteriza-se por um partidarismo pró-farroupilhas e contrário aos legalistas. Essa tomada de posição distingue o trabalho de Porto com relação aos demais historiadores da imprensa sul-rio-grandense, porém, não invalida o significado, como produção intelectual, de seu "ligeiro bosquejo histórico".

-

⁶⁹ PORTO, 1937. p. 226.





Capitulo II

Fundação da Imprensa riograndense

AURELIO PORTO

I — Tipografia Imperial do Exército

Organizado o Exército do Sul que, sob as ordens do marquês de Barbacena, se detinava ás operações contra os platinos, tratou êsse general, êntre os aprestos de elementos impriscendiveis à campanha, de dotar as forças expedicionárias de uma tipografía. Algumas dificuldades se the anto-lharam ao princípio para a consecução dêsse objetivo, mas Barbacena, reputando de alta necessidade essa providência, pessoalmente, agiu junto aos diretores da Imprena Imperial, conseguindo transportar para o sul, com o trem de guerra, a primeira tipografía que, mais tarde, deu origem à Imprenas riograndense.

Sóbre êsse assunto encontrámos, na Correspondência do Marquês de Barbacena (1) os dois ofícios que transcrevêmos, como elementos básicos para a história da imprensa, no Rio Grande.

"Illmo, e Exmo. Sr. Ful á typographia examinar se estava prompto o prelo, e supposto me percesses sufficiente a ordem que para ésse fim expedio o Exm. Presidente do, Thesouro não enterda assim so Directores de Estabelecimento emconsequencia de não haver designação expresa do vencimento dos operarios e da qualidade da letra, e papel. Para obviar aquele inconveniente juigo dever indicar V. Exa. que será bastante.

Letra surtida para meia folha de breviario. Letra surtida para meia folha de leitura. Dez resmas de papel.

Quanto a ordenados não será possível achar quem se contente com menos em campanha do que vence um habil official trabalhando nesta Capital, e como segundo a informação de hum dos Diretores hum bom Compositor ganha 2.000 e o Impressor, 1.000 parece que a autorisação para o contracto se deve extender até aquelles limites. V. Exx. à vista do exposto resolverá o que for milhor. Deux Guarde a V. Exx. Quartel do Rio Comprido, 23 de Outubro de 1826. — Marquez de Barbacena. Tenente-General. Está conf. José Ignacio da Silva".

O Conde de Lages, ministro da Guerra, a quem era dirigido esse oficio, apressou-se a dar as providências solicitadas, respondendo em seguida:

"Illmo. e Exmo. Sr. — Em solução ao que V. Exa. representa em seu officio datado de 23 do corrente, tenho de communicar-lhe que ficão expedidas as necessarias ordens para se resolverem as duvidas que se offerecem na Typographia, sobre os objectos que dali devem ser formecidos a ordem de V. Exa. Deus Guarde a V. Exa. Paço, em 25 de Outubro de 1826. Conde de Lages. Sr. Marquez de Barbacena."

Devido á morosidade das conduções, pois o transporte era feito em carretas de bois, só em fins de jameiro chegou ao acampamento do Exército a tipografia que foi logo montada. Alnda na cit. Corras, recontrísmos uma comunicação do cap. Leão, chefe do transporte de Exército, sóbre a partida, em 12-1-1827, do depósito da Montanha de Santana, de uma carreta e vinte bois que conduzia

⁽¹⁾ Arq. Nac. Corresp. do Marg. de Barbacena. Vol. 1

Também na edição especial intitulada *Terra Farroupilha*, Emílio Fernandes de Souza Docca⁷⁰ publica o ensaio "Desenvolvimento intelectual do Rio Grande do

⁷⁰ Souza Docca nasceu na cidade gaúcha de São Borja, em 1884, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1945. Militar de carreira desde 1899, quando ingressou no Exército como voluntário, tornou-se 2º Sargento em 1900, realizou estudos no Curso de Administração Militar (1917-1921) e na Escola Superior de Intendência, no Rio de Janeiro (1921), vindo a galgar todos os postos no Quadro da Intendência, chegando a general. Ainda em relação a suas atividades militares foi Chefe do Serviço de Fundos do Exército (1935-1940) e Diretor da Biblioteca Militar. Como historiador, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pertencendo também à Academia Rio-Grandense de Letras, sendo delegado e presidente na Federação das Academias de Letras do Brasil. Dentre os seus trabalhos publicados, podem ser citados: "A proclamação da República no Brasil", "A Batalha do Tuiuti", "Causas da Guerra do Paraguai", "Bento Manoel Ribeiro", "Vocábulos tupis-guaranis na Geografia do Rio Grande do Sul", "A independência uruguaia", "A Convenção Preliminar de Paz de 1828-1829", "O Brasil e a independência do Uruguai", "O Brasil no Prata", "Deodoro", "O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha", "O porquê da brasilidade farroupilha", "Caxias: o pacificador, Condomínio da Lagoa Mirim-Jaguarão", "As Forças Armadas na formação e defesa da nacionalidade", "Limites entre o Brasil e o Uruguai", "Capitania de São Pedro", "Gente sul-rio-grandense", "O bicentenário da colonização de Porto Alegre", "O homem capaz", "O dia pan-americano", "Caxias e a pacificação do Rio Grande do Sul", "A estância e o espírito militar na formação do Rio Grande do Sul" e "História do Rio Grande do Sul". Dados biográficos obtidos a partir de: MARTINS. p. 186-187 e VILLAS-BÔAS. p. 166-168.

Sul"⁷¹, no qual aborda temas como a poesia, as escolas literárias, a literatura no último decênio monárquico e no século XX e a ação de cientistas, historiadores, críticos literários e doutrinadores. A rubrica inicial do texto chamava-se "A imprensa", na qual o autor destaca alguns aspectos da evolução histórica do jornalismo gaúcho.

Em seu trabalho, o autor expõe suas ideias favoráveis à causa farroupilha, explicitando a vertente historiográfica por ele seguida, alicerçada no discurso oficial, voltado a ressaltar a brasilidade dos sul-riograndenses⁷². Nessa linha, ele inicia sua narrativa pelo *Diário de Porto Alegre*, para, em seguida passar a tratar da imprensa integrada à Revolução Farroupilha, lançando sobre ela um olhar amplamente favorável a até de

⁷¹ DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. Desenvolvimento intelectual do Rio Grande do Sul. In: *Terra farroupilha*. Porto Alegre: [s.n.], 1937. p. 247-278.

⁷² Docca compunha a mesma tendência historiográfica de Aurélio Porto e, nesse sentido, Ieda Gutfreind afirma: O processo discursivo moldado por Aurélio Porto teria continuidade nos escritos do historiador Souza Docca o qual dilatou a orientação iniciada por aquele, realizando uma "diluição" da história do Rio Grande do Sul na história do Brasil. Historiador-militar, ou militar-historiador, Docca dedicou vários trabalhos à intervenção bélica brasileira no Prata, constituindo-se em "representante-mor" do discurso nacionalista-imperialista, não apenas gaúcho, mas, acima de tudo, brasileiro. Este escritor desenvolveu seus estudos paralelamente aos de Porto, ratificando as premissas do discurso historiográfico sulino, ora em pauta, que construía uma identidade brasileira para o Rio Grande do Sul. (GUTFREIND. p. 53-55).

admiração, como ao descrever um de seus jornalistas como um indivíduo "que se impunha pela sua brilhante inteligência e pelo desassombro com que pregava as ideias liberais", constituindo "um dos grandes doutrinadores da cruzada farroupilha". De acordo com tal perspectiva, um dos jornais farrapos era apresentado como uma publicação "que teve uma existência brilhante e combativa", enquanto a outro, o escritor atribui uma ação que dera "larga expansão às suas ideias democráticas, lançando no espírito público as bases em que havia de assentar a cruzada farroupilha". Já outra folha é qualificada pelo escritor como "tribuna do liberalismo"73

Nesse contexto, Souza Docca ressalta o papel dos periódicos de orientação farrapa, por terem sido "os sistematizadores da ideologia política da geração farroupilha", contribuindo para "a formação consciência cívica" no seio dos rio-grandenses. O autor exalta a participação do elemento nacional na execução desses jornais, em detrimento da participação dos estrangeiros, bem de acordo com o pensamento nacionalista então em voga. Teriam esses jornalistas, segundo o escritor, atuado como "os grandes obreiros de nossa consciência cívica". Em seguida, Docca passa a tecer comentários sobre outros periódicos que marcaram a imprensa gaúcha, citando A Reforma, A Federação e o Correio do Povo, com significativos elogios aos dois últimos. Ao final, o articulista lança alguns dados quantitativos acerca da imprensa gaúcha, no sentido de mostrar a pujança estadual, e confirma o papel

⁷³ DOCCA. p. 247-248.

desempenhado pela mesma em meio à sociedade riograndense-do-sul⁷⁴.

Trecho do texto

Foram esses os primeiros jornais rio-grandenses. Sendo impossível, pela natureza deste estudo, dar aqui uma resenha dos demais e mesmo da atuação dos que ficaram citados, nos limitamos a mencionar a orientação a que eles obedeciam, refletindo o sentimento geral dos nossos antepassados.

Foram, assim, os sistematizadores da ideologia política da geração farroupilha.

Devemos aos jornalistas dessa época e aos que doutrinaram pregando a cruzada farroupilha, de 1830 a 1835, a formação da consciência cívica de nossos maiores, sem a predominância, que erroneamente se atribui, a dois ou três jornalistas estrangeiros. (...)

Foram esses, juntamente com outros grandes nomes na política, nas armas e no meio social rio-grandenses, os grandes obreiros de nossa consciência cívica; a eles exclusivamente devemos o passado de que nos orgulhamos e graças a eles o espírito nacional no Rio Grande foi superior à influência geográfica – venceu os obstáculos que isolavam a nossa terra do território brasileiro e solidificou o vínculo que nos liga vigorosamente à grande pátria.

Entre os grandes jornais rio-grandenses salientaramse no regime monárquico *A Reforma* e *A Federação* que chegaram até a república, como jornais políticos, refletindo o pensamento dos partidos de que eram órgãos.

A Federação, que apareceu a 1º de janeiro de 1884, ainda continua a sua preciosa existência. (...)

⁷⁴ DOCCA. p. 248-249.

O *Correio do Povo*, fundado por Caldas Júnior, em 1º de outubro de 1895, é o jornal que mais serviços tem prestado à cultura intelectual e ao desenvolvimento do espírito literário no Rio Grande. (...)

Na impossibilidade de mencionarmos todos os grandes jornais existentes no estado, nos limitamos a consignar nominalmente os dois citados, que são os expoentes máximos da imprensa rio-grandense e registrar dados estatísticos que evidenciam o progresso extraordinário do jornalismo em nossa terra.

Jornais e	1827	1835	1884	1902	1927	1932
Revistas	1	29	56	145	160	238

Dos 145 jornais de 1902, eram diários 19. Ocupávamos assim o segundo lugar no Brasil, cabendo o primeiro a São Paulo, com 23. Publicavam-se então em todo o país apenas 96 jornais diários.

Ocupávamos o 4º lugar em 1930, em número de jornais, estando em primeiro São Paulo, com 706, e em 5º, Bahia, com 170. Publicavam-se no Brasil 2.959 jornais.

A imprensa rio-grandense tomou parte efetiva e eficiente em todas as campanhas políticas, culturais, religiosas e sociais.

Foi um dos primeiros elementos no preparo da cruzada farroupilha; orientou a população da província nas lutas externas que sustentamos até 1870; reviveu o sentimento liberal do nosso povo, na propaganda republicana, em campanha tenaz e brilhante, iniciada pela *Imprensa*, com os irmãos Apolinário e Apeles Porto Alegre e secundada pela *Federação*, com Venâncio Aires e Júlio de Castilhos.

Fomentou e irradiou a cultura intelectual, tendo como órgão principal a *Revista do Partenon Literário*.

Contribuiu poderosamente para a libertação do elemento servil.

Capítulo IV

Desenvolvimento Intelectual Rio Grande do Sul



SOUZA DOCCA



de Spencer esta observação: "A literatura e as belas artes não podem existir sinão em virtude das atividades que fazem com que a vida social exista."

O Rio Grande do Sul nasceu, criou-se e viveu os primeiros 133 anos de sua exis-

tencia sob as armas.

Quando não as mantinha em riste, ante o inimigo, anos a fio, as carregava aos ombros nas fronteiras, em vigilias constantes ou as conservava ensarilhadas nos quartels e acampamentos, para o primeiro rebate.

Essa situação de lutas e alarmes continuos, incessantes, retardou o surto de nossa vida literaria e artistica e deu a impressão, a críticos mal avisados, que não possulmos capacidade para as altas

atividades espirituais.

Quem, porem, observar a nossa evolução mental, verá que a nossa capacidade literaria é das mais positivas e que, vencendo todos os obices, ela tem se manifestado através de nossa existencia e verá mais que, em seguida á nossa entrada em um periodo de paz, ela se revelou com pujança e brilho singulares, do que é um atestado magnifico a vida do Partenon Literario, no decenio de 1870.

a) A imprensa

Foi o jornal o primeiro veículo da atividade mental dos nossos maiores.

O nosso primeiro jornal foi o Diario de Porto Alegre, que apareceu a 1.º de junho de 1827.
Refletia o pensamento do governo da Provincia e era dirigido por Lourenço Junior de Castro, português de nascimento, radicado no Brasil. Fóra um dos maiores entusiastas da nossa independencia política em 1822.

En num central de de defas democraticas, se fez estimado no Rio Grande do Sul.

Era um espírito combativo e por isso logo se incompatiblisou com o presidente da Provincia, na direção daquele jornal, que deixou de circular no ano seguinte ao de seu aparecimento.

A 5 de julho de 1828, da mesma tipografía em que saira o Dairio, aparecia o Constitucional Riograndense, dirigido pelo joven Vicente Ferreira Gomes, que contava então 23 anos de idade, mas que se impunha pela sua brithante inteligencia e pelo desassombro com que pregava as ideas liberais

Foi um dos grandes doutrinadores da cruzada farroupilha.

Poi um dos grandes doutrinadores ao cruzada tarrougina.

O Constitucional, que teve uma existência brilhante e combativa, circulou até 1831.
O terceiro jornal riograndense e como os outros dois publicado em Pôrto Alegre, foi O Amigo do Homem e da Patria, cujo primeiro numero é de 5 de julho de 1829.
Este jornal, que circulou até meados de 1830, fora fundado por Tomaz Inacio da Silveira de sociedade com o francês Claudio Dubreuil, era colaborado por Laurenço Junior de Castro, que af deu larga expansão ás suas idéas democraticas, lançando no espirito publico as bases em que havía de assentar a cruzada farrougilha.

Ainda por ocasião das comemorações dos cem anos da Revolução Farroupilha, Walter Spalding publica, em 1935, um trabalho sobre a imprensa e o livro no Pavilhão Cultural da Exposição do Centenário Farroupilha⁷⁵. Trata-se de um catálogo sobre o material exposto durante as festividades, estando dividido em duas partes, a "seção de imprensa" e a "seção de livros" e a parte sobre os jornais é apresentada como uma "contribuição" para a história da imprensa. Nesse sentido, o escritor afirma que aquela seção era um simples catálogo dos jornais que foram expostos, diante do que, apesar da informação mais ou menos minuciosa de cada jornal, não houvera intenção do organizador de

-

⁷⁵ SPALDING, Walter. Exposição do Centenário Farroupilha: a imprensa e o livro no pavilhão cultural (1835-1935). Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1935. Walter Spalding (1901-1976) foi professor, bibliotecário, Diretor do Arquivo e Biblioteca Municipal de Porto Alegre, poeta, historiador, contista, genealogista, biógrafo, crítico literário, cronista e teatrólogo; além de membro da Academia Rio-Grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Instituto Brasileiro de Genealogia. Foi o organizador do Pavilhão Cultural da Exposição Comemorativa do Centenário Farroupilha. Dentre seus mais de duzentos títulos, podem ser destacados: "Farrapos", "À luz da história", "Comércio, indústria e agricultura do Rio Grande do Sul", "A Revolta dos Dragões do Rio Grande do Sul", "A Revolução Farroupilha", "A invasão paraguaia nas fronteiras do Brasil", "O Rio Grande do Sul da independência aos nossos dias", "Bibliografia da Revolução Farroupilha", "A epopeia farroupilha" "Construtores do Rio Grande do Sul". Dados obtidos a partir de: LAYTANO. p. 115-116.; MARTINS. p. 566-569.; VILLAS-BÔAS. p. 495-502.

fazer a história da imprensa gaúcha, mas unicamente contribuir para ela⁷⁶.

Desse modo, Spalding cataloga os jornais por cidades, com destaque para Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Bagé, Cachoeira, Cruz Alta, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, Rio Pardo, Santa Maria, São Gabriel e Uruguaiana, destacando os responsáveis pelos periódicos, o formato, o número de páginas, a data, o preço, a tipografia e o nome do expositor. Mesmo não buscando "fazer história" sobre a imprensa, Walter Spalding presta a pretendida "contribuição" para a elaboração da mesma, identificando alguns dos "fragmentos", ou seja, alguns dos exemplares de jornais remanescentes da imprensa rio-grandense, ainda existentes em 1935.

⁷⁶ SPALDING. p. 3.



Um lustro depois, no ano de 1940, Nestor Ericksen publica dois novos trabalhos, "Apontamentos para a história da imprensa no Rio Grande do Sul" e "A imprensa do Rio Grande do Sul da abolição à república", nos "Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia"⁷⁷, nos quais segue a tradicional abordagem na forma de arrolamento dos periódicos. Nos "Apontamentos", Ericksen refere-se às restrições à

_

⁷⁷ ERICKSEN, Nestor. Apontamentos para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. In: Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia. v. 4. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940. p. 2165-2186.; e ERICKSEN, Nestor. A imprensa do Rio Grande do Sul da abolição à república. In: Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia. v. 4. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940. p. 2187-2199. O paranaense Nestor Guimarães Ericksen (1907-1979) foi jornalista, historiador e poeta, residiu no Rio Grande do Sul, sendo redator-secretário do Correio do Povo, membro da Associação Rio-Grandense de Imprensa e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Dentre suas publicações pode-se destacar: "O negro no Rio Grande do Sul" e "Síntese da evolução econômica do Paraná". Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 197-198. e VILLAS-BÔAS. p. 177. O III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia foi realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em comemoração ao bicentenário da fundação de Porto Alegre, a publicação das comunicações originaria os anais do mesmo, assim apresentados: Com o propósito de perpetuar a obra realizada pelo Terceiro Congresso, são agora organizados os Anais, que irão enriquecer o arquivo de serviços do Instituto e constituirão um novo manancial posto à disposição dos estudiosos do nosso passado e das coisas de interesse para a nossa terra e para a nossa gente. (Anais do III Congresso... p. viii.).

imprensa no período colonial, aos "pioneiros" da imprensa brasileira e às diversas tentativas de implantar a imprensa no Rio Grande do Sul até a fundação do Diário de Porto Alegre, sobre o qual tece considerações, assim como a respeito de alguns dos primeiros jornais gaúchos. O autor destaca também as querelas entre os periódicos rebeldes e legalistas, à época da Revolução de 183578, bem como aborda uma série de dísticos que os jornais ostentavam naquele tempo. A partir daí, os periódicos são citados e catalogados como os da República Rio-Grandense; os que circulavam de 1840 a 1884; e os de 1885 à proclamação da república; identificando a filiação partidária de algumas das folhas citadas. Finalmente encerra o trabalho ressaltando "o ciclo da imprensa independente", fazendo referências ao Correio do Povo.

No artigo "A imprensa do Rio Grande do Sul da abolição à república", o autor descreve algumas das etapas do processo de abolição e refere-se a questões como a imprensa e o abolicionismo; a Convenção da Paz de 1835 e os escravos; os recenseamentos de 1872 e 1883 e os escravos; a posição do Partenon Literário; a postura dos partidos políticos e da imprensa diante da abolição; o jornalista Carlos von Koseritz; a imprensa na república, com destaque especial para *A Federação*; e a

_

⁷⁸ Quanto aos confrontos entre os diferentes jornais, o escritor limita-se a citar as folhas que se dividiam em duas grandes correntes: a que batalhava em defesa do governo constituído, pugnando pela restauração do Trono, e a que, tendo as principais figuras do oposicionismo à frente, pregava a independência da província do imperialismo da Coroa. (ERICKSEN. Apontamentos para a história..., 1940. p. 2175.).

"última fase", abordando a imprensa após 1895. Nesse texto, Ericksen não chega a definir seu objeto de estudo, uma vez que escreve tópicos isolados, envolvendo abolição, imprensa e república, como se fossem diminutos artigos independentes.

Já ao destacar os pequenos jornais, o autor define sua meta com aquela publicação, afirmando que não quisera deixar de incluir em seu trabalho a relação dos periódicos da fase abordada, para facilitar futuras investigações a que se dedicaria, "despretensiosamente", com o único objetivo de contribuir para a história da imprensa rio-grandense. Explica, nessa linha, que a lista, como seria simples observar, estava longe de ser completa, pois nem era a finalidade visada a de organizar um catálogo cronológico de jornais, tarefa que de bom gosto deixava a outros estudiosos, de modo que nela incluíra apenas algumas folhas, a título meramente informativo⁷⁹.

No ano seguinte, Ericksen publica "A origem da imprensa no Rio Grande do Sul"80, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*81 artigo no qual

⁷⁹ ERICKSEN. A imprensa do Rio Grande do Sul..., 1940. p. 2197.

⁸⁰ ERICKSEN, Nestor. A origem da imprensa no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. n. 81. Porto Alegre, 1941. p. 15-26.

⁸¹ Tal Revista, fundada em 1921 e circulando até hoje, anunciava como seus objetivos: constituir um repositório de trabalhos originais no gênero; estabelecer um esforço continuado e metódico na divulgação de elementos históricos que jazem desconhecidos nos arquivos públicos e particulares; promover a reedição de obras de grande raridade escritas sobre o Rio Grande do Sul; e servir como veículo para a

busca desvendar a gênese da imprensa gaúcha e colocar termo às discussões sobre o tema⁸². Nesse trabalho, o autor faz uma revisão bibliográfica, discutindo a opinião de diversos dos seus predecessores na escritura da história da imprensa rio-grandense, com destaque para Augusto Porto Alegre, Aurélio Porto, Tancredo de Mello e Alfredo Ferreira Rodrigues. Desse modo, após descrever as diversas tentativas de implantação da imprensa no Rio Grande do Sul, o autor estabelece algumas conclusões como: nega que tenha sido a Tipografia do Exército, trazida por Barbacena que dera origem à imprensa gaúcha; não aceita Salvador José Maciel como o "fundador" dessa imprensa; explica a forma pela qual foi adquirida a tipografia do *Diário de*

publicação de todos os trabalhos históricos e geográficos elaborados pelos sócios do Instituto. (COLLOR, Lindolfo. A história e o Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.* 1º trim., a. 1. Porto Alegre, 1921. p. 6.).

82 ERICKSEN, 1941. p. 15. De acordo com tal intento, o autor afirma: Qual a origem da imprensa no Rio Grande do Sul? Essa interrogação prendeu, sem dúvida, durante muitos anos, o interesse de todos os estudiosos que procuraram, através de laboriosas pesquisas, com critério superior de servir exclusivamente aos imperativos da cultura, cooperar no sentido de contribuir para a organização da história do jornalismo brasileiro, e ficou, no entanto, até agora, sem resposta, dadas as dificuldades que se apresentavam. Numa análise aprofundada, porém, de todos os elementos estudados, quer pelos historiógrafos antigos, quer pelos observadores contemporâneos verifica-se de imediato a predominância de contradições e de dúvidas motivadas pela carência de documentos esclarecedores nos arquivos e museus.

Porto Alegre; nega que esse jornal fosse oficial ou expressasse a opinião dos governantes; além de apontar o local e o redator do primeiro jornal gaúcho.

Mesmo contradizendo as asserções de alguns dos autores anteriores em assunto tão polêmico, Ericksen considera que as suas conclusões consistiam uma espécie de palavra final que encerraria as discussões sobre o tema. De acordo com tal pensamento, explica que evidentemente poderia alongar ainda mais seu trabalho, já que a seara da história era inesgotável, mas não era esse o seu primacial objetivo, de modo que preferia encerrar por ali as suas observações. Diante de tal conclusão, o escritor pretensiosamente sentencia que ficava, assim, perfeitamente esclarecida a origem da imprensa no Rio Grande do Sul, afastando-se todas as dúvidas que, anteriormente, povoavam de sombras esse "belo capítulo" da história rio-grandense⁸³.

Trecho do texto

Poderíamos, como é evidente, alongar ainda mais este trabalho, de vez que a seara da História é inesgotável, mas não é esse o nosso primacial objetivo, e preferimos encerrar por aqui as nossas observações.

Antes de finalizar, porém, algumas conclusões de

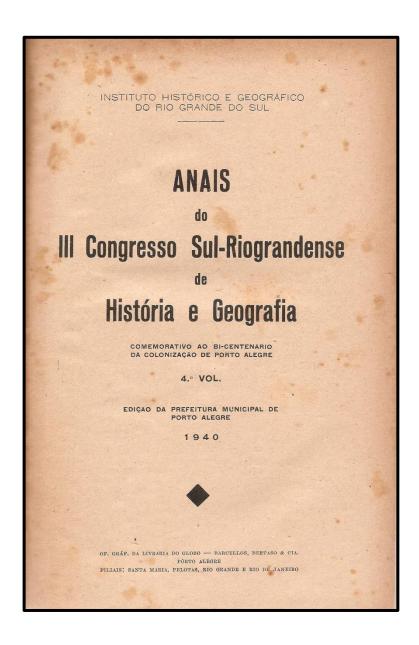
-

⁸³ ERICKSEN, 1941. p. 26. Décadas depois, ocorreria a republicação dos ensaios de Nestor Ericksen, por ocasião das comemorações dos cento e cinquenta do jornalismo gaúcho, editando-se livro no qual os três trabalhos referenciados são reproduzidos na íntegra – ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1977.

impõem:

- 1º Fica perfeitamente evidenciado que, ao contrário das opiniões de diversos historiadores, que lutaram com a falta de documentos esclarecedores, não foi a Tipografia Imperial do Exército, trazida por Barbacena, que deu origem à imprensa rio-grandense;
- 2º Não coube ao brigadeiro Salvador José Maciel, presidente da Província, em 1827, a iniciativa da fundação da imprensa entre nós, embora não se tenha oposto ao seu aparecimento, por interesse político ou espírito de benevolência;
- 3º Esclarece-se, afinal que a tipografia que deu lugar à instalação do *Diário de Porto Alegre* foi adquirida no Rio de Janeiro, com o produto de uma subscrição popular, ficando cada contribuinte como mutuário da empresa, que não era do estilo cooperativista, pois que as somas entregues eram variáveis, sem qualquer juro, nem havia compromisso de devolução, em caso de falência;
- 4º Não era o *Diário de Porto Alegre* órgão oficial do governo ou de qualquer corrente dominante de opinião, no momento em que surgiu e assim permaneceu durante sua efêmera existência;
- 5º Comprova-se que a nossa primeira folha não funcionava em sala do Palácio do Governo, com saída pelo portão, e sim na Rua da Igreja, hoje Duque de Caxias, no prédio de nº. 113, à esquerda, indo pela antiga Praça da Matriz;
- 6º Finalmente, as pesquisas efetuadas demonstram que o primeiro redator e administrador do *Diário de Porto Alegre* não foi Lourenço de Castro Júnior, mas, sim, João Ignácio da Cunha, que foi substituído, depois, por Vicente Ferreira Gomes, vulgo "O Carona".

Fica, assim perfeitamente esclarecida a origem da imprensa no Rio Grande do Sul, afastando-se todas as dúvidas que, anteriormente, povoaram de sombras este belo capítulo da nossa história.



Apontamentos para a historia da Imprensa no Rio Grande do Sul

Análise retrospectiva das origens da Imprensa no Brasil. O primeiro jornal do Brasil publicado em Londres. Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o precursor — A GAZETA DO RIO DE JANBIRO — Os primeiros jornals — As origens da imprensa no Rio Grande do Sul — A iniciativa do brigadeiro Maciel — Surge o DIARIO DE PORTO ALEGRE — O primeiro jornalista riograndense — Novas diretrizes — Jornais e jornalistas — Nas ante-vesperas da Revolução Farroupilha — Legendas que a Historia guardou — O primeiro decênio — De 1840 à Proclamação da Republica — O ciclo da imprensa independente.

Tése encaminhada ao III Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense.

NESTOR ERICKSEN

Numa análise retrospectiva da história e evolução da imprensa brasileira, verifica-se, de imediato, mau grado a carência de farta documentação esclarecedora, que o aparecimento do jornal em nosso país foi deliberadamente retardado pelos interesses políticos de Portugal, durante o reinado de D. Maria I.

Não atendia, sem dúvida, aos desejos do govêrno reacionário e fanatico da metrópole a propagação na colônia das idéias liberais que já haviam triunfado na França e nos Estados Unidos, ameaçando a estrutura política e econômica da coroa.

Com as finanças em desequilíbrio, creava-se na Europa um ambiente favorável à expansão imperialista das grandes potências no continente recem descoberto, forçando os dirigentes portugueses a adotar medidas acauteladoras contra as ambições que se agitavam.

Fontes de riqueza extraordinárias, com uma faixa de território que abrangia uma vasta extensão do novo mundo, mas inteiramente

A imprensa do Rio Grande do Sul da abolição á Republica

Os prodromos da abolição — A imprensa abolicionista no paiz — Pioneiros — O inicio da campanha no jornalismo — Os revolucionarios de 1835 libertam os escravos As populações de escravos no Rio Grande do Sul em 1871 e 1883 — A campanha emancipacionista nos clubes 10 primeiro jornal favoravel á abolição no sul — A posição dos partidos — A inprensa na Republica — Notas finaes.

Nestor Ericksen

Sobrepairando a influencias políticas, causas de origem nitidamente economica garantiram e apressaram a queda catastrophica da monarchia, a 15 de novembro de 1889.

As classes conservadoras se encontraram, de improviso, a braços com uma crise sem precedentes que hipertrophiando a produção nacional, paralysava o sistema circulatorio das riquezas nacionaes.

A economia privada, cujo pivot de equilibrio era o trabalho servil, começou a desiquilibrar-se com o inicio da campanha abolicionista, que, a partir de 1850, com a assignatura da lei Euzebio de Queiroz, começa a abalar a estructura do feudalismo brasileiro.

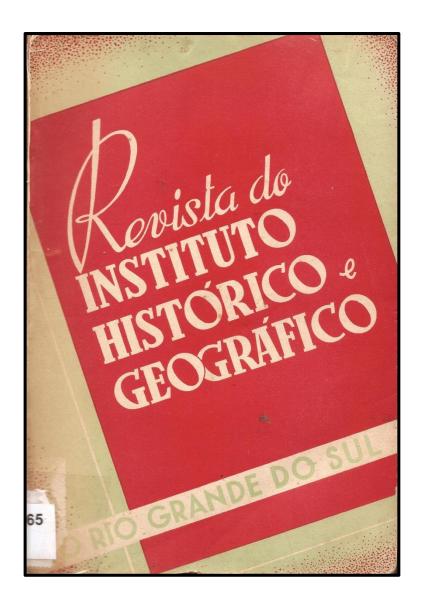
Impassivel ás vozes de agitação que se levantavam, o governo imperial já se influenciara pelo movimento em favor da extinção do trafico que se alastrava na Europa e na America, sem intervir, no entanto, directamente, na defesa dos interesses em conflicto.

Fóra de lei, porque reflectia no momento, uma aspiração contraria á economia das classes dominantes, o movimento libertador se avolumava e crescia á proporção que os escravos, tyranizados pela violencia do regime feudal, após suscessivos movimentos de rebeldia, começaram a ter cada vez mais nitida a consciencia da liberdade.

A grande lavoura, em completo desmantelamento, por força de factores economicos desfavoraveis, já não podia conter a marcha do movimento reivindicador, que se alastrava a todas as provincias do Imperio, augmentando os circulos de opposição á politica dominante.

Parallelamente, o movimento abolicionista norte-americano, que assumia porporções ameaçadoras, desaguando no estuario da guerra civil, sob a bandeira de Lincoln, reflectira-se politicamente sobre o paiz, fortalecendo as correntes que se batiam denodadamente em favor da libertação dos escravos.

A Sociedade Brasileira contra a Escravidão e a Associação Central Emancipadora, a primeira sob a direção de Joaquim Nabuco, a se-



A origem da imprensa no Rio Grande do Sul

Nestor Ericksen

Qual a origem da imprensa no Rio Grande do Sul?

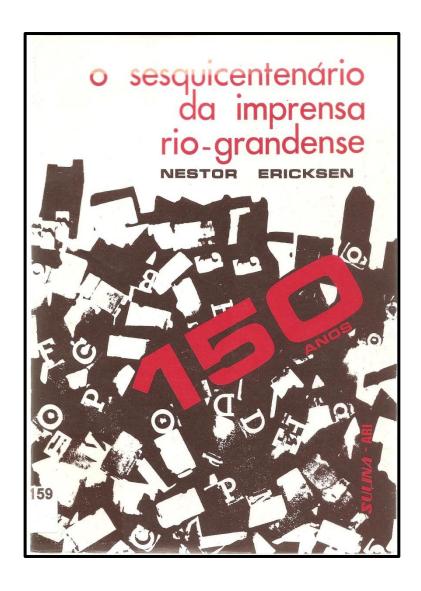
Essa interrogação prendeu, sem dúvida, durante muitos anos, o interêsse de todos os estudiosos que procuram, através de laboriosas pesquisas, com critério superior de servir exclusivamente aos imperativos da cultura, cooperar no sentido de contribuir para a organização da história do jornalismo brasileiro, e ficou, no entanto, até agora, sem resposta, dadas as dificuldades que se apresentavam.

Entre os estudos a respeito figuram, em primeiro plano, os de autoria de Augusto Pôrto Alegre, na "História da Fundação de Pôrto Alegre", assim como as investigações realizadas por êsse emérito desbravador dos episódios ligados à vida política e social do Rio Grande, que é Aurelio Pôrto, atualmente em atividade na redação dos "Anais do Itamaratí", sem deixar, como é justo, de mencionar as contribuições de A. A. P. Coruja, o mais antigo dos nossos chonistas, e de Tancredo de Melo e Alfredo Rodrigues.

Numa análise aprofundada, porém, de todos os elementos estudados, quer pelos historiógrafos antigos, quer pelos observadores contemporâneos e modernos, através dêste ângulo obscuro do nosso passado, verifica-se, de imediato, a predominância das contradições e das dúvidas motivadas, como é natural, pela carência de documentos es-

clarecedores nos arquivos e museus.

O magnifico vulgarizador da "Efemérides", que tantos serviços prestou à cultura histórica, no Rio Grande do Sul, aponta o brigadeiro Salvador José Maciel como o patrono da criação da imprensa no Rio Grande do Sul, adiantando que o primeiro jornal — o "Diário de Pôrto Alegre" — diretamente orientado pelo então governador da Provincia, em 1827, tinha suas oficinas no Palácio do Govêrno, com saída pelo portão.



Ainda que a abordagem do conteúdo discursivo dos jornais não tenha sido realizada pela maioria dos trabalhos que compõe a historiografia da imprensa gaúcha, alguns deles chegam a optar por uma omissão praticamente completa das posturas ideológicas, políticas ou partidárias expressas pelos periódicos. Nesses trabalhos, esse tipo de conteúdo intrinsecamente presente nas publicações é suprimido ou reduzido a uma escala de menor importância na abordagem do jornalismo. Inseriram-se nesse quadro os escritos de Scylla Soares da Silva e Souza sobre a evolução do jornalismo gaúcho e os de Athos Damasceno Ferreira a respeito da imprensa caricata e literária rio-grandense.

Em 1942, Scylla Soares da Silva e Souza elabora o ensaio "A evolução da imprensa no Rio Grande do Sul", publicado na obra coletiva *Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha*⁸⁴. Nesse trabalho, a autora segue a mesma

⁸⁴ SOUZA, Scylla Soares da Silva e. A evolução da imprensa no Rio Grande do Sul. In: Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha. Porto Alegre: Editora Kosmos, 1942. p. 299-302. A autora era porto-alegrense e foi funcionária pública na Prefeitura de sua cidade natal, arquivista e pesquisadora, publicou também o ensaio "Algumas instituições de caráter cultural do Rio Grande do Sul". Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 547-548. e VILLAS-BÔAS. p. 494. Sobre a obra coletiva na qual o ensaio foi escrito, ela estava inserida em um projeto mais amplo que buscava dotar cada um dos estados brasileiros de uma publicação que divulgasse sua história e evolução, seu trabalho criador e sua paisagem e seus homens, tendo, assim, por objetivos: apresentar um monumento verdadeiramente condigno das belezas, do espírito, da riqueza e das possibilidades quase infinitas de todo o Brasil, aprofundar, em cada brasileiro, o conhecimento das

linha de um artigo anterior, no qual organizara um verdadeiro catálogo de jornais, só que restrito à cidade de Porto Alegre⁸⁵, e dedica praticamente metade do texto para descrever as origens da imprensa gaúcha, referindo-se ao Diário de Porto Alegre - citando, inclusive, a lista com o nome de todos os subscritores do primeiro número do jornal -, e a Tipografia Rio-Grandense. A autora comenta que, entre 1827 e 1889, a imprensa passara por duas fases de maior "incremento" e "evidência", durante o período da Revolução Farroupilha e na transição da monarquia à república. Ela deixa seus objetivos evidentes, ao destacar a importância de uma listagem de nomes de jornais, afirmando que os títulos dos jornais da época, especialmente da primeira

particularidades específicas da paisagem, da capacidade intelectual e espiritual e da estrutura econômica de cada unidade federada; e proporcionar a todas as nações amigas do globo uma imagem fiel e completa da essência, da capacidade, das tendências, bem como da beleza, da riqueza e das peculiaridades específicas de cada um dos estados brasileiros. – "À guisa de prefácio". p. 7.

85 SOUZA, Scylla Soares da Silva e. A imprensa em Porto Alegre (1827-1889). In: *Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia.* v. 3. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940. p. 1181-1201. Nesse escrito, a autora destaca seus objetivos ao historiar a imprensa: Apresentando este pequeno trabalho, não desejamos falar no quanto se poderia escrever e o que já se tem escrito sobre a imprensa e seus múltiplos aspectos. Ele se resumirá, tão somente, em comentar a época de seu aparecimento no Brasil, no Rio Grande do Sul e, finalmente, – e este é o nosso objetivo – sua instalação e desenvolvimento na cidade de Porto Alegre. (SOUZA, 1940. p. 1181.).

metade do século XIX, por si só valiam para um estudo comparativo da evolução da intelectualidade passada e contemporânea⁸⁶.

De acordo com os próprios marcos cronológicos por ela traçados, a autora destaca os títulos, períodos e cidades em que circularam os jornais rio-grandenses, ao longo da Revolução de 1835 e durante o processo de mudança na forma de governo do país, além disso, faz uma breve relação dos periódicos que circulavam em 1942, ano daquela publicação. Um dos aspectos marcantes da obra de Scylla Souza é uma visão crítica em relação aos confrontos político-partidários que marcaram a história rio-grandense, considerando-os como "exageros" e afirmando que a "politiquice partidária" muitas vezes "desmoralizara" a imprensa. Tal aspecto é explicável pelo contexto histórico no qual se inseria aquele ensaio, ou seja, a ditadura estadonovista e a perspectiva predominante de supressão de uma vida partidária.

Ao final do texto também se percebe a influência da conjuntura de então, em trecho no qual a autora conclui enaltecendo a figura do chefe de Estado, em verdadeiro culto ao líder, e aponta a imprensa gaúcha como motivo de orgulho nacionalista. Nessa linha, a escritora exalta que, com o advento do Estado Novo a situação da imprensa modificara-se grandemente, graças ao apoio eficiente do chefe do governo brasileiro e, nesse quadro, a imprensa do Rio Grande do Sul seria naquele momento um "orgulho da terra dos pampas", tendo sido considerada por ilustres visitantes, uma das melhores do

⁸⁶ SOUZA, 1942. p. 301.

Brasil⁸⁷. O enaltecimento ao reinante *status quo* não deixaria espaço para que Scylla Souza fizesse qualquer referência ao controle do discurso jornalístico e à forte repressão que a imprensa sofria durante a ditadura estado-novista.

Trecho do texto

Enquanto o maravilhoso invento de Gutenberg já há muito era conhecido na América espanhola, o Brasil, dos países americanos foi, talvez, o único que o não possuía até fins do século XVIII.

Há, porém, vestígios de imprensa, nas Missões Jesuíticas, no Rio Grande do Sul (século XVII – XVIII).

Apesar de diversos comentários, de que algo já havia sobre a arte tipográfica, no nosso país, a imprensa no Brasil teve seu início definitivo e permanente com a criação da impressão régia, instituída pelo Decreto de 13 de maio de 1808.

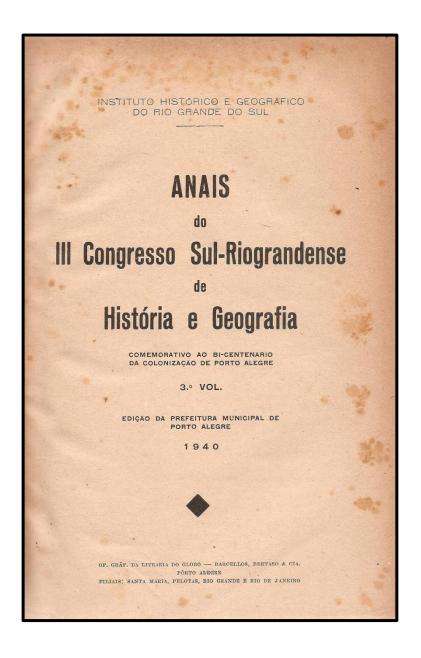
No Rio Grande do Sul, a imprensa teve começo em 1827.

Diziam os historiadores da imprensa no Rio Grande do Sul que sua origem fora, em Porto Alegre, nos porões do Palácio do Governo com os restos da Tipografia Imperial do Exército, que Barbacena encomendará à Corte. (...)

Investigando as origens da nossa imprensa, na tentativa de esboçar o histórico do jornalismo rio-grandense, de que destacamos estas notas, não encontramos documento que individualizasse, com segurança, o verdadeiro fundador da arte tipográfica entre nós. Não será injusto, porém, atribuir ao brigadeiro Salvador José Maciel a honra da fundação da imprensa no Rio Grande do Sul.

_

⁸⁷ SOUZA, 1942. p. 302.



A imprensa em Pôrto Alegre (1827-1889) SCYLLA SOARES DA S. E SOUZA

Apresentando este pequeno trabalho não desejamos falar no quanto se poderia escrever e o que já se tem escrito sobre a IMPRENSA e seus multiplos aspectos. Éle se resumirá, tão somente, em comentar a época de seu aparecimento no Brasil, no Rio Grande do Sul e, finalmente, - e este é nosso objetivo - sua instalação e desenvolvimento na Cidade de Porto Alegre.

Enquanto o maravilhoso invento de Gutenberg já ha muito era conhecido na America espanhola, o Brasil, dos paises Americanos, foi, talvez, o unico que o não possuia até fins do seculo XVIII.

Apezar de diversos comentários, de que algo já havia sobre a arte tipografica, no nosso pais, a Imprensa no Brasil teve seu inicio definitivo e permanente com a creação da Impressão Régia, instituida pelo Decreto de 13 de maio de 1808.

No Rio Grande do Sul, a Imprensa teve começo em 1827, com a chegada, por ordem do marquês de Barbacena, para as campanhas do Sul, da Tipografia Imperial do Exercito, conforme a maioria dos

historiadores inclusive Aurelio Porto.

Pio de Almeida, porem, contraria essas opiniões e afirma: "Vinte e sete dias depois do citado oficio de Barbacena lamentando o seu retardamento, (da Tipografia) a 20 de fevereiro, travava-se no Passo do Rosario a famosa batalha de Ituzaingó que si não se resolveu em vitoria para os exercitos em luta, decidiu ao menos da sorte da primeira tipografia que aportou ao Rio Grande, atirando-a nas mãos dos nossos inimigos.

E' a parte argentina do general Carlos Alvear, dando noticia do debatido feito que atesta o seu destino inglorio. Diz assim: "O exercito inimigo abandonou finalmente o campo de batalha, deixando sobre ele 1.200 cadaveres, entre eles varios chefes, oficiais e o general

RIO GRANDE DO SUL

IMAGEM DA TERRA GAÚCHA

A OBRA DOCUMENTARIA DO ESTADO SULINO, FRONTEIRA EXTREMA DO BRASIL

SUA HISTORIA E EVOLUÇÃO SEU TRABALHO CRIADOR

ORGANIZADA E PUBLICADA
PELO
MAJOR MORENCY DO COUTO E SILV.
DR. ARTHUR PORTO PIRES
E LEO JERONIMO SCHIDIROWITZ

COM A COLABORAÇÃO DE

DE AUSSOS SANMARIN, JOHETOR DO INSTITUTO DE PERIUDENCIA DO ESTADO * PROP. ANGELO QUIDO * DO INSTITUTO DE PERIUDENCIA DO ESTADO * PROP. ANGELO QUIDO * DO INSTITUTO DE CONTROL DE CENADO * PROP. ANGELO QUIDO * DO INSTITUTO DE CONTROL DE CARACIA DE CARACIA DE CARACIA DE CARACIA DE CARACIA DE CARACIA CONTROL DE CARACIA C

EDITORA COSMOS LIMITADA / PÓRTO ALEGRE

A EVOLUÇÃO DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL

Por SCYLLA SOARES DA S. E SOUZA

Enquanto o maravilhoso invento de Gutenberg à ha muito era conhecido na América espanhola, Brasil, dos países americanos, foi, talvez, o único que o não possuja até fins do século XVIII (1)

Há, porém, vestígios de Imprensa, nas Missões esuíticas, no Rio Grande do Sul (século XVII— XVIII).

A-pesar-de diversos comentários, de que aige já havia sóbre a arte tipográfica, no nosso pais, a IMPRENSA no Brasil teve seu inicio definitivo e permanente com a criação da IMPRESSAO RE-GIA, instituída pelo Decreto de 13 de maio de 1008

No Rio Grande do Sul, a Imprensa teve coseço em 1827.

Diziam os historiadores da Imprensa no Ri Grande do Sul que sua origem fóra, em Pôrto Ale gre, nos porões do Palácio do Govérno com os rei los da Tipografia Imperial do Exército, que Bar bacena encomendara a Córte.

Plo de Almeida, porém, contraria essas op

"Vinte e sete dias depois do citado oficio de Barbacena lamentando o seu retardamento (DA TIPOGRA-FIA), a 30 de levereiro, travava-se no Passo de Rosirio a famosa hatalha de Inzazingo que, se não se resolveu em vidrão para os exércitos em lux, decidio ao menos da sorte da primeira ripografia que aportou ao Rio Grande, atrando-a nas mãos dos nosos nimitos."

eu destino inglôrio. Diz assim:

"O exército inimigo abandonou finalmente o campo de batalha, deixando sobre éle 1.200 cadáveres, entre vários chefes, oficiais o o carrell Abraman de la campo de la

de baralha, deiamido sibre ile 1300 cadiversa, entre vicios chefe, oficio e general Abreu; grande nămero de prisioneiros e general Abreu; grande nămero de prisioneiros e mannento, todo o seu parque e bagagens, duas bandeiras, 100 pepes de artificaria e a imprensa são troféus do exército.

dense, abandonado no campo de batalha e tomado pelo adversario da pátria como troféu de guerra! Estes fatos têm passado despercebidos de quantos se têm ocupado da história da nossa im prensa. A lipografia do exército de Barbacena ten sido confundida com a que, nesse mesmo ano de 1827, foi estabelecida nos baixos do palácio do go vérno em Porto Alegre e que tomou o nome de RIOGRANDENIS

O sr. dr. Tancredo de Meio, que tem estudo especiais sobre a mateira, afirma que "a mais an liga lipografia riograndense" de que conhece do cumentos incontestáveis, "foi a estabelecida en Porto Alegra pelos cuidados do Marques de Bar bacera", em 1627, com o nome de Riograndense bacera", em 1627, com o nome de Riograndense la companio de la companio del companio de la companio de la companio del companio de la companio del companio del

Augusto Pórto Alegre incorre no mesmo engano quando afirma que essa tipografía "foi mandada montar pelo Marques de Barbacena"

Não se pode considerar Barbacena nem como o fundador nem como o introdutor da imprensa no Rio Grande, porquanto o seu prelo de campanha, de breve existência, passou apenas pelo Estado sem deixar seouere sinal de sia nessanea.

Investigando as origens da nosas imprenas, na tentativa de esboçar a hiabórie do jornalismo riograndense, de que destacamos estas notas, não encontramos documento que individualismas, com segurança, o verdadeiro fundador da arte tipografica entre nos. Não será injusto, porêm, atribuir ao brigadeiro Salvador José Macelel a hourse fundação da imprenas po Bio Grande de Salva fundação da imprenas positivos portas de Salva fundação da imprenas positivos portas de Salva fundação da imprenas positivos portas de Salva fundação da fundação da servição de Salva fundação da fundação da fundação da fundação da servição fundação da fund

Presidia Salvador Maciei a Provincia quando, a 1.º de junho de 1827, com o aparecimento do "DIARIO DE PORTO ALEGRE", se inaugurava o primetro-prelo provinciano, instalado em um dos asiloes terreos do palácio de governo, segundo to-

(1) Como prova do que afirmamos damos a seguir PROIBICAO de D. Loto:

4. D. Jodo por graça do Dent, est de Vertigal e dos Alseves, caspoine e adam nur em Meira, sembre de Gami et alves, caspoine e adam nur em Meira, sembre de capital sema de Rea de Jassero, que podre e capital semare do captans de Rea de Jassero, que podre e capital semare de la capital de la conveniente se impriman papir no trupo per su qual dode e conveniente se impriman papir no trupo per su dici, sembre de Basil, quantidar de la capital de su dici, sembre de Basil, quantidar de la capital de su dici, sembre de Basil, quantidar de la capital de su dici, sembre a la Bernapa de Adquisição de o mer Concura de de desente a las Bernapa de Adquisição de o mer Concura de de desente a la Bernapa de Adquisição de o mer Concurado de la capital de la capital de la capital de la capital de como positivo, a mandeia sequentra, e recentre para de como positivo, os mandeia sequentra, e recentre para de visão por centre a friça de seu donos, a entregara a quem de destino para de la citação de se de la capital de la contrada por como de la citação de seu donos, a entregara a quem de de la capital de la capi e sus oficiais da impressa que houver, para que ulo impressa en consistan que se impriman livro, chra, on para mais en consistan que se impriman livro, chra, on para les entenhas uara a los impressas localismos de la constanta de la companio del la companio de la companio del la compa

O Secretário Manuel Caetano Lopes de Gouréa a fez estrevet."

299

Athos Damasceno Ferreira foi outro autor que escreveu sobre a imprensa do Rio Grande do Sul, dedicando sua abordagem a setores específicos do jornalismo ligados aos periódicos humorísticos e literários em Porto Alegre, e à imprensa caricata provincial/estadual. Assim, em 1962, publicou "Imprensa caricata no Rio Grande do Sul no século XIX", uma edição ampliada e revisada de outra, de 1944, "Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX". Além disso, elaborou outros escritos sobre a imprensa literária, editados de forma póstuma, mantendo a mesma linha discursiva e o estilo descritivo⁸⁸.

-

⁸⁸ FERREIRA, Athos Damasceno. Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX. Porto Alegre: Globo, 1944.; FERREIRA, Athos Damasceno. Imprensa caricata no Rio Grande do Sul no século XIX. Porto Alegre: Globo, 1962.; e FERREIRA, Athos Damasceno. Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1975 - a citação deste último se dá na forma de exemplo da maneira pela qual o autor trata o seu objeto de pesquisa. O porto-alegrense Athos Damasceno Ferreira (1902-1975) era escritor, poeta, novelista, historiador e jornalista; foi funcionário público, tendo trabalhado no Gabinete da Presidência do Estado e nas Secretarias da Educação e do Interior do Rio Grande do Sul: diretor do Instituto Estadual do Livro e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; escreveu para diversos jornais e revistas e, além de suas obras literárias, publicou vários trabalhos, nos quais buscou apresentar as mais diversas manifestações culturais do Rio Grande do Sul no século XIX. Dentre seus escritos podem ser citados: "O teatro em Porto Alegre no século XIX", "Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX", "Apontamentos para o estudo da indumentária no Rio Grande do Sul",

Ainda que o livro sobre os periódicos críticos e humorísticos fosse específico sobre a capital gaúcha, o autor não deixa de referenciar a imprensa rio-grandense, fazendo pequena incursão à questão da origem do jornalismo sulino⁸⁹. Já no que tange à publicação sobre o periodismo literário, o escritor faz algumas alusões à

"Sociedades literárias em Porto Alegre no século XIX", "O carnaval porto-alegrense no século XIX", "Artes plásticas no Rio Grande do Sul" e "Gabinetes de leitura e bibliotecas do Rio Grande do Sul no século XIX". Dados obtidos a partir de: MARTINS. p. 175-176 e VILLAS-BÔAS. p. 159-160.

89 Nesse sentido, Ferreira afirma: Se é exato, como afirmam melancolicamente certos historiadores da nossa imprensa, que o Brasil foi talvez o último país americano que teve a ventura de conhecer a perigosa máquina de imprimir inventada pelo Sr. Gutemberg - não deixa de se exato também que, montado entre nós o primeiro prelo, o brasileiro se atirou a ele, com um entusiasmo tal, que de algum modo o compensa de haver formado no fim da extensa cauda dos tipógrafos e escribas do Mundo Novo. Na capitalzinha, modorrenta e canhestra, da então Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, o jornal que inaugurou a divertida enfiada das folhas impressas foi o Diário de Porto Alegre, aqui surgido em 1827, sob a direção do major Lourenço Júnior de Castro, e saído, com caráter oficial, dos vagos tabuleiros da Tipografia Rio-Grandense. A este ensaio, que certamente encheu de alvoroço a tímida curiosidade do burgo, outros mais sucederam, com tanta afoiteza e bravura, que, ao abeirar-nos do século XX, Porto Alegre contava já com uma centena, quase, de jornais de todos os gêneros e formatos - alguns diários, outros semanais e outros ainda que saíam apenas quando podiam. A média era de duas folhas por ano, nesse delírio agudo de despejar na rua, pelas colunas acavaladas dos pasquins urbanos, artigos e novidades. (FERREIRA, 1944. p. 5.).

perspectiva de historiar a imprensa no Rio Grande do Sul⁹⁰, sem deixar de também destacar o desenvolvimento

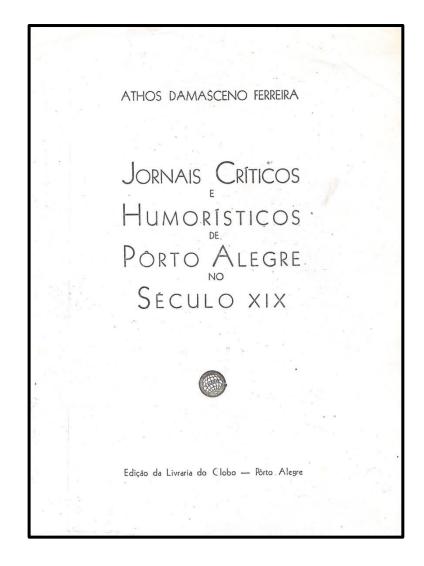
_

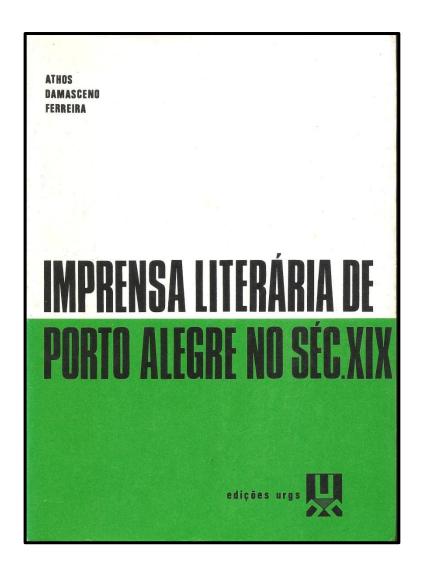
⁹⁰ A respeito de tal tópico, Damasceno Ferreira afirma: Com apoio em coleções de jornais e revistas de diferentes épocas e locais, geralmente incompletas e mal conservadas, existentes em arquivos públicos e particulares, a imprensa do Rio Grande do Sul no século XIX - principalmente seus órgãos oficiais de política partidária - tem sido entre nós objeto de abordagens mais ou menos frequentes. Arrolamentos cronológicos, conferências, depoimentos ensaios. testemunhos de autores diversos historiadores. pesquisadores, professores, remembrancistas e até simples curiosos do jornalismo indígena - compõem hoje um conjunto de elementos que, com subsídios destinados à indagação das origens e interpretação do desenvolvimento do periodismo regional, já se constitui em estimável acervo da espécie, quer por seu volume, quer por sua consistência. A despeito disso, énos forçoso convir que ainda não dispomos do material indispensável à elaboração de uma obra que corresponda à complexidade e envergadura do assunto. E ponha em ressalto, através da análise e crítica de seus exatos valores, a ação positiva e fertilizadora do prelo jornalístico no processo cultural do Rio Grande do Sul. Esta monografia, acerca da imprensa literária de Porto Alegre no século passado, se inspira em dois propósitos: o de ampliar a bibliografia referente à história e à dinâmica do jornalismo rio-grandense, em setor ainda praticamente inexplorado e mediante o levantamento e ordenação das publicações em seus aspectos puramente formais, isto é, data de surgimento, feições particulares, transcrição de programas e indicação dos nomes daqueles que lhe foram responsáveis pela edição ou para esse fim concorreram na qualidade de colaboradores; e, na medida do possível, o de contribuir, segundo critérios críticos e ao ensejo da situação expressa e da qualificava comentada de cada periódico, para a divulgação e estudos dos ideais de que

de tal gênero literário no contexto provincial/estadual. Segundo ele, a partir da segunda metade do século XIX, uma imprensa literária, "inspirada e atuante", animava com sua presença, que se fez constante até o fim da centúria, a vida intelectual gaúcha. Sustenta ainda que, veículo de difusão cultural acessível por excelência a toda classe de leitores, esse prelo jornalístico ganhou corpo, visando à "valorização do povo" com o estímulo a seu gosto pelas letras. Para ele, uma "atividade de tal porte e conteúdo" infundia vigor e sentido singular no processo de formação rio-grandense-do-sul, que, a despeito de "acidentes de variada origem", teve seu desdobramento impulsionado e assegurado por força de uma ação continuada e construtiva, que lhe conferiu "realce e importância". Ferreira comenta ainda que a verificação de tal fenômeno emprestava "colorido particular" aos contornos do complexo cultural sul-riograndense, revelando a "exuberante vitalidade" da província, tanto nos "pródromos como nas projeções", sob alguns aspectos, originais, de sua evolução⁹¹.

esses periódicos se tornaram instrumento e veículo, em época na qual não contávamos, por escassez de haveres materiais, de outros meios para fazê-lo. (FERREIRA, 1975. p. 11-12.).

⁹¹ FERREIRA, 1975. p. 13.





Ao apresentar a imprensa caricata rio-grandense - realizando estudos de caso, através das cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas -, Athos Damasceno torna-se pioneiro na pesquisa específica de um setor ligado à pequena imprensa gaúcha. A inovação limitase, porém, ao tema abordado, pois o autor mantém a tradicional característica de historiar o jornalismo através do linear arrolamento de periódicos, sem buscar relação com os contextos nos quais desenvolveram ou dedicar maior atenção às posturas político-ideológicas dos jornais. periódicos Os destacados por Damasceno aparecem como unidades autônomas, sendo estudados de forma particularizada. Até mesmo um dos elementos básicos do seu objeto de estudo - a caricatura - não era contextualizada no todo do trabalho, fazendo questão de explicar, ainda na capa do livro, que o mesmo possuía "quarenta e duas ilustrações fora do texto", de modo que as mesmas são apresentadas apenas de forma figurativa ou como uma complementação visual e ilustrativa, sem referências ou conexões diretas com o texto escrito.

Uma das notórias características do autor é a preocupação com os documentos escritos, sendo, para ele, fundamental a obtenção de fontes "merecedoras de crédito" e prestadoras de "informações seguras". Assim, impunha-se um autolimite ao "narrar os fatos" como eles estariam na documentação, considerando-se impossibilitado de escrever sobre um jornal sem que houvesse "fontes seguras", evitando utilizar-se de "fontes verbais". Athos Damasceno não estabelece uma interpretação do conteúdo intrínseco dos jornais nas suas relações com a realidade na qual se desenvolveram, embora chegasse a reconhecer, apenas em parte e com

ressalvas, tais relações, ao afirmar que talvez não fosse exagero observar que àquela altura o periódico era, até certo ponto, o reflexo da opinião e dos sentimentos da maioria e quase a tradução literal, diga-se assim, do meio onde circulava⁹².

Os jornalistas ou responsáveis pelos jornais não são encarados por Damasceno como atores sociais ou políticos, ficando desvinculados de seu meio. Eles aparecem, em geral, descritos por seus hábitos ou aparência pessoal⁹³. Damasceno só aborda uma forma de relação entre os periódicos estudados, tratando das querelas ocasionais entre uns e outros, aproveitando a oportunidade para registrar esses conflitos, considerados por ele como um "bate-boca", e reforçar sua opinião sobre a conduta "desabrida" daqueles jornais. Mesmo assim, esses confrontos não são encarados como políticos, sociais ou econômicos, mas apenas como desavenças de cunho pessoal.

Outro aspecto fundamental na obra de Athos Damasceno sobre a imprensa crítico-caricata é uma omissão praticamente completa dos eventos

⁹² FERREIRA, 1962. p. 119.

⁹³ FERREIRA, 1944. p. 10, 11, 25 e 30. Exemplos desse tipo de abordagem são: – homem inteligente e brilhante que andou por São Paulo, visando um canudo de bacharel. Caiu na boemia, porém, e parece que nem chegou a entrar para a Faculdade de Direito; – O agradável aspecto fisionômico do moço, de cabeleira negra, anelada e vasta, como a pera e o bigode; – Homem voluntarioso, inteligência viva, cultura variada, fez aqui um prestígio que o punha sempre em evidência; – Graúdo e bonitão, usava roupas justas e gravatas espalhafatosas e passeava, arrogantemente, a sua proa de moço aristocrata pelas ruas ensolaradas do burgo.

relacionados com a política, incorrendo em uma verdadeira negação dos assuntos de cunho político-partidário como elementos constitutivos do jornalismo. Assim, apesar de propor-se a trabalhar a imprensa "crítica", é o autor quem critica os jornais quando os mesmos adotavam essa conduta, acusando-os de fazer com que fatos simples – denominando-os de "fatinhos" – crescessem demasiadamente. Desse modo, em seus escritos, as condutas políticas dos jornais praticamente não aparecem e, nas poucas vezes em que há referência a esse tipo de fenômeno, isso se dá de maneira velada, de modo que a política aparece isolada, descontextualizada e relegada a um plano inferior.

Esse modelo de relação sujeito/objeto, predominando a supressão dos temas de natureza política, partidária e ideológica, revela certas convicções e o contexto histórico no qual o autor estava inserido. Nesse sentido, a obra de Damasceno teve, mesmo que variáveis, certos vínculos com o Estado. Tal inter-relação se deu, por exemplo, pelo controle direto em um período de exceção, uma vez que o livro de 1944 foi escrito em meio à ditadura estado-novista e sob os "auspícios" do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, órgão responsável, regionalmente, pela censura às diversas formas de produção cultural. As conexões com o aparelho estatal deram-se também pela posição profissional do autor e, a partir dela, a possibilidade de desenvolvimento de suas pesquisas, ou ainda pelo apoio institucional direto na publicação dos livros. A partir desses vínculos e tendo em vista os históricos conflitos partidários que caracterizaram a formação republicana rio-grandense, bem com as "heranças" que os mesmos deixaram e que perduraram por longo tempo, marcando

a vida política do Rio Grande do Sul, Damasceno opta pela omissão praticamente completa das posturas político-partidárias e ideológicas dos periódicos, procurando, dessa maneira, obter alguns dos elementos inerentes à linha historiográfica na qual se inclui a sua obra, ou seja, a propalada busca da neutralidade, da isenção e da imparcialidade.

Essa abordagem – ou ausência de abordagem – de Athos Damasceno para com a política pode ser exemplificada através de suas asserções/omissões a respeito do jornal rio-grandino *Bisturi*, uma das mais importantes e críticas dentre as folhas caricatas da cidade do Rio Grande. Sobre esse periódico, o autor estabelece severo julgamento ao que considera "excessos" por parte do redator, acusando-o de nem sempre manter a racionalidade, envolvendo-se em discussões pessoais e fazendo caricaturas sem nenhum "pudor". Assim, uma das poucas asseverações de Damasceno sobre a postura política de um jornal, foi no sentido de criticar o alegado "exagero" da mesma.

Na mesma linha, o escritor também ataca o *Bisturi* devido às suas posições diante do processo de afirmação da forma de governo republicana, afirmando que ao tempo da Coroa propendia para o barrete frígio, e, instaurado o novo regime, recebe-o de braços abertos, porém, transcorridos alguns meses do advento republicano, fecha a cara para a situação criada, de cujo ventre vê nascer uma geração de pulhas incapazes de dar ao estado a fecunda forma de governo que todos esperavam. Na concepção do autor, o responsável pela folha caricata transfere os badulaques para o setor dos *descontentes*, colocando suas armas a serviço de Gaspar Silveira Martins e conjectura que o redator do *Bisturi*

teria feito precisamente o contrário, isto é, teria oferecido seus préstimos ao presidencialista Júlio de Castilhos, se este, e não o fogoso timoneiro do extinto partido liberal se encontrasse na oposição⁹⁴.

Nesse caso, Damasceno censura o jornal por mudar de posição diante da república, mas, na verdade, o estudo do periódico como um todo, ao longo de sua existência, e de suas relações com a conjuntura partidária do momento, permite afirmar semanário manteve uma coerência histórica com a postura liberal-gasparista, demarcada desde a sua criação. Assim, as duas maneiras distintas de encarar a nova forma de governo não se prenderam ao estilo da crítica pela crítica, ou de oposição permanente à ordem estabelecida, como Athos Damasceno tenta deixar transparecer, e sim, ao fato que o hebdomadário caricato passou a entrar em desacordo com as estratégias adotadas para promover a consolidação republicana, especialmente no que tange às medidas autoritárias, as quais causavam verdadeira aversão à folha semanal riograndina⁹⁵. Desse modo, ao renunciar à abordagem política, o autor considera os fatores ligados às convicções e práticas político-partidárias de seu objeto de estudo como de menor importância, apontando os mesmos como elementos excrescentes, ou ainda, nas poucas vezes em que a eles faz referência, exagerados.

_

⁹⁴ FERREIRA, 1962. p. 190-191.

⁹⁵ ALVES, Francisco das Neves. O *Bisturi*: imprensa oposicionista na cidade do Rio Grande (1888-1893). In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1993. p. 56.

A produção histórica de Athos Damasceno Ferreira preocupa-se exclusivamente com o resgate das fontes documentais, não apresentando nenhum referencial teórico ou preocupações com os avanços metodológicos ou estudos interdisciplinares. Busca, dessa forma, na obra de 1962, listar e descrever doze jornais porto-alegrenses, cinco rio-grandinos e dois pelotenses. Nesse sentido, vai ao encontro da própria versão que dá ao seu trabalho, auto-definindo-se como "o noticiarista – simples almoxarife da história –", que cumpre sua "missão", recolhendo, ordenando e distribuindo o "precioso material", que comporia o "fenômeno cultural" da província, no curso do "século do fraque, da prestidigitação e da tosse" 6.

Trecho do texto

Esta monografia reproduz, em grande parte refundidos, vários artigos publicados pelo autor, em diferentes oportunidades, acerca da imprensa caricata do Rio Grande do Sul, no século XIX. Sobretudo as notícias referentes aos semanários ilustrados de Porto Alegre, no mesmo período, e que, sob a forma de plaquete, vieram a lume em 1944, foram de tal modo ampliadas e ainda corrigidas em pontos capitais, que o folheto aludido, quando muito, pode ser tido como simples e imperfeito esboço da presente versão. Praticamente, portanto, este trabalho é obra nova, a despeito da utilização em seu texto de extenso material divulgado antes. (...)

Às vésperas da última trintena do século XIX e lado a lado de uma imprensa diária de bom tomo, começam a

[%] FERREIRA, 1962. p. 221.

aparecer no Rio Grande do Sul os primeiros periódicos humorísticos, críticos e ilustrados que desde logo comunicam aos prelos provincianos, nublados e ásperos, um colorido mais vivo e um ritmo mais alegre. (...).

Periódicos do gênero caricato, como os que nos século passado se publicaram e gozaram de larga popularidade na capital da província, haveriam também de circular com igual aceitação na cidade do Rio Grande. E os que ali surgiram, no último quartel da centúria, não fariam papel secundário, tanto do ponto de vista crítico, como do literário e artístico, ao lado dos semanários humorísticos e ilustrados que em Porto Alegre os precederam ou lhes foram contemporâneos. (...)

Já um centro de intensa vida social na última trintena do século XIX, Pelotas, tanto quanto Porto Alegre e Rio Grande, não podia deixar de servir-se do jornalismo caricato, como complemento indispensável a uma imprensa diária de interesses gerais, fortemente atuante como era a sua.

Nessa esfera, formaria em terceiro lugar, cronologicamente, pois só em janeiro de 1879 ali surgiria uma folha do gênero, a competir com as demais já em curso na província. Nem por isso, entretanto, a cidade progressista haveria de encolher-se, vexada do atraso, pois o que perdera em tempo ganharia na qualidade. (...)

Nos capítulos referentes aos semanários caricatos de Porto Alegre, tivermos ocasião de aludir com insistência aos rudes bate-bocas e ao chiste pesado, à época muito comuns, não só nas publicações humorísticas como também nas que o não eram. E, ao assinalarmos alguns traços peculiares do humor local, salientamos ainda a origem dele e o grau de cultura que refletia.

As observações ali contidas são aplicáveis também às cidades do Rio Grande e de Pelotas. A despeito de circunstâncias especiais que atuavam em favor da capital, como, por exemplo, sua condição de centro político e administrativo da província, a assegurar-lhe recursos mais

amplos e variados, não era mais baixo nem diferente o nível cultural dos dois vivazes núcleos, onde fermentavam iguais ideias e ebuliam aspirações comuns, orientadas, estas e aquelas, por princípios e normas de um programa só. E tanto lá como aqui o ... sangue era o mesmo e idênticas as reações que se produziam em face dos fatos, individuais como coletivos.

Acentue-se essa unidade, que não era apenas de superfície nem unicamente variável nas três cidades mais importantes do Rio Grande do Sul oitocentista, para a compreensão mais clara do nosso processo social, nem sempre bem configurado pelos que pretendem colorir de estranhos valores o roteiro de nossa formação. Virtudes e defeitos, que nos modelaram e vincam a fisionomia, tiveram e conservam ainda hoje os nítidos sinais de uma fonte bem definida. Esses sinais são encontradiços na imprensa riograndense, através de cujas fases, assinaladas por acontecimentos de monta especialmente no plano político, nosso comportamento social se traduz com fidelidade.

A crítica dessa conduta está destinada a elucidar muitos aspectos da evolução do povo gaúcho, cujo caráter revelou no passado certas singularidades que expõem sua definição a juízos apressados e não raro a distorções propositadas.

O noticiarista – simples almoxarife da História – cumpre sua missão, recolhendo, ordenando e distribuindo o precioso material que está à espera do emprego autorizado dos que se disponham a olhar, com olhos de ver, o fenômeno cultural da província, no curso do século do fraque, da prestidigitação e da tosse.



Desse modo, tanto na breve pesquisa de Scylla Soares da Silva e Souza, quanto no bem mais amplo trabalho de Athos Damasceno Ferreira, a abordagem do conteúdo discursivo dos jornais é suprimida ou relegada a um segundo plano. Para a autora, os "exageros" da "politiquice partidária" representavam um elemento nocivo ao desenvolvimento da imprensa e, no mesmo sentido, para Damasceno, a conduta política "desabrida" dos jornalistas e suas "exageradas" manifestações político-partidárias levavam a prejuízos progresso do jornalismo. Essa supressão dos assuntos de natureza político-ideológica está relacionada ao controle e/ou vínculo direto/indireto dos respectivos autores para com o aparelho do Estado, levando a que a busca da neutralidade, isenção e imparcialidade, como elementos constitutivos do ato de historiar, fosse ainda mais marcante em suas obras. Apesar de suprimir aquele abordagem, chegando a recriminar tipo de posicionamentos políticos mais veementes dos jornais estudados, esses trabalhos têm a significativa virtude de levantarem uma série de informações, mormente o de Athos Damasceno ao pesquisar sobre um setor da imprensa até então escassamente abordado.

tal conjunto de arrolamentos, notas, Assim, estatísticas catálogos marcou pelo predominantemente descritivo trabalhos os versaram sobre a história geral da imprensa gaúcha. Desse modo, tais histórias da imprensa passaram a não constituir novidade nos horizontes do saber produzido no Rio Grande do Sul, como mostra a tradição de pesquisa, que remonta à virada do século XIX ao XX. investigações mantém suas notadamente porque o relato da sucessão cronológica de

títulos de periódicos e da biografia de seus criadores não chega a ser suficiente para a compreensão mais plena da natureza e da prática do jornalismo nos vários momentos de seu desenvolvimento, fundamentalmente tendo em vista que esse tipo de estudo é carente quanto a uma perspectiva teórica de análise de seu tema. Ainda assim, em tais pesquisas, a contribuição que se encontra não é pequena, principalmente no que tange ao levantamento de fontes e à sistematização de dados⁹⁷.

-

⁹⁷ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFGRS, 1993. p. 7.



A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a Coleção Rio-Grandense. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A Coleção Rio-Grandense tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.





